



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
GRADUAÇÃO DE DESIGN-MODA

MARIA EDUARDA VASCONCELOS DA CUNHA

**BILREIRAS DE MUNDAÚ: A MODA ARTESANAL LOCAL PELA VERTENTE
SOCIOCULTURAL**

FORTALEZA/CEARÁ

2022

MARIA EDUARDA VASCONCELOS DA CUNHA

BILREIRAS DE MUNDAÚ: A MODA ARTESANAL LOCAL PELA VERTENTE
SOCIOCULTURAL

Trabalho de Conclusão de curso submetido à avaliação, Graduação em Design - Moda no Instituto de Cultura e Arte na Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design - Moda.

Orientadora: Prof. Dra. Germana Maria Fontenelle Bezerra

FORTALEZA/CEARÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C979b Cunha, Maria Eduarda Vasconcelos da.
Bilreiras de Mundaú : a moda artesanal local pela vertente sociocultural / Maria Eduarda Vasconcelos da Cunha. – 2022.
81 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Germana Maria Fontenelle Bezerra.

1. Artesanato de Mundaú. 2. Cultura regional. 3. Renda de bilro. I. Título.

CDD 391

MARIA EDUARDA VASCONCELOS DA CUNHA

**BILREIRAS DE MUNDAÚ: A MODA ARTESANAL LOCAL PELA VERTENTE
SOCIOCULTURAL**

Trabalho de Conclusão de curso submetido à avaliação, Graduação em Design - Moda no Instituto de Cultura e Arte na Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design - Moda.

Aprovada em: 19 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ph.D. Germana Maria Fontenelle Bezerra (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ma. Maria do Socorro de Araujo Miranda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ma. Manuela Fatima Paula de Medeiros
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho a garota de 5 anos
com olhos brilhantes e grandes sonhos.

AGRADECIMENTO

Meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que me apoiaram desde o início da minha formação, tanto como pessoa, como acadêmica.

Para a construção deste projeto, tive a ajuda de muitas pessoas, como minha irmã, Fernanda Cunha, uma geógrafa que sempre me responde as milhares de perguntas que faço ao chegar em um lugar desconhecido, e analisa cada amostra que recolho destes locais; do meu amigo Alejandro Matos, um estudante de psicologia que sempre me acompanha nas aventuras sem avisos prévios; aos meus pais por sempre me incentivar a estudar, ser alguém curiosa e nada acomodada; os meus professores e minha orientadora Germana que me fizeram evoluir a cada minuto.

Gostaria também agradecer aos meus amigos por me incentivar e acreditar sempre em mim, por me ajudar a tomar as decisões corretas e segurar na minha mão quando eu estava receosa por tomar uma decisão difícil. Eu tive nesses últimos anos a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas que sempre me ofereceram ajuda para realizar os meus objetivos, que se ofereceram para ler o meu trabalho e me falar com sinceridade o que não gostaram, que mesmo ocupados me respondiam o que aqueles termos difíceis significavam. Sou grata a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, pois todas me trouxeram até aqui, até esse resultado.

“Porque – disse ela – quando você tem medo e faz mesmo assim, isso é coragem” (Coraline - Neil Gaiman, p. 59).

RESUMO

Essa monografia tem como objetivo apresentar aos leitores as mulheres rendeiras da comunidade pesqueira do litoral cearense de Mundaú, sua cultura e hábitos, além de ilustrar o processo de produção e comercialização de suas peças de renda de bilro. Neste projeto, será apresentado à comunidade acadêmica a cultura, hábitos, pré-produção, produção e venda das rendeiras de bilro de Mundaú e a sua importância para a preservação da cultura e identidade do povo cearense. Para este projeto de cinco capítulos e considerações finais, traremos dados históricos e geográficos da sociedade e das rendeiras mundauenses, juntamente com dados sobre elas e suas produções retirados de pesquisas exploratórias de cunho qualitativo em pesquisas bibliográficas e etnográficas. As pesquisas tiveram como resultado dados do meio de produção destas mulheres; insumos; processo criativo; produção; venda; angústias delas que resultaram na conclusão da necessidade de haver união delas e mudanças no meio de produção, seu processo criativo e políticas sociais por meio da qualificação da mão de obra.

Palavras-chave: Artesanato de Mundaú. Cultura regional. Renda de bilro.

ABSTRACT

This monograph objective introduces readers to the women lacemakers of the fishing community of the Ceará coast of Mundaú, their culture and habits, in addition to illustrating the process of production and commercialization of their bobbin lace pieces. In this project, the culture, habits, pre-production, production and sale of Mundaú bobbin lacemakers and their importance for the preservation of the culture and identity of the people of Ceará will be presented to the academic community. For this project of seven chapters and a conclusion, we will bring historical and geographic data of the society and the lacemakers of the world, together with data about them and their productions taken from exploratory research of qualitative nature in bibliographic and ethnographic research. The research resulted in data on the means of production of these women; inputs; creative process; production; sale; their anguish that resulted in the conclusion of the need for organization between them and changes in the means of production, their creative process and social policies through the qualification of the workforce.

Keywords: Handicrafts of Mundaú. Regional culture. Bilro lace.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Mapa da costa cearense ilustrado	26
–		
Figura 02	Mapa das capitanias hereditárias de 1534 - 1536	27
–		
Figura 03	Praia Mundaú	33
–		
Figura 04	Rio Mundaú	33
–		
Figura 05	Sinalização do Rio Mundaú	34
–		
Figura 06	Visão de Mundaú sobre duna	35
–		
Figura 07	Dados IBGE - Trairi	35
–		
Figura 08	Produção matutina de redes de pesca	36
–		
Figura 09	Almofada	51
–		
Figura 10	Caixote	52
–		
Figura 11	Cartolina	54
–		
Figura 12	Tiara	56
–		
Figura 13	Short	60
–		

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 Faixa etária das rendeiras	39
–	
Gráfico 02 Nível de escolaridade das bilreiras	40
–	
Gráfico 03 Distribuição de rendeiras por quantidade de filhos	41
–	
Gráfico 04 Acúmulo de funções das rendeiras	42
–	
Gráfico 05 Aprendizagem da função de rendeira.	43
–	
Gráfico 06 Idade de aprendizagem da função de rendeira	43
–	
Gráfico 07 Primeiras rendas: florzinha de calango.....	44
–	
Gráfico 08 Fontes de renda familiar das rendeiras de Mundaú	45
–	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEART	Central de Artesanato do Ceará
–	
SPS	Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e
–	Direitos Humanos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
–	
APA	Área de Proteção Ambiental
–	
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
–	
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e
–	Cultura
PIB	Produto Interno Bruto
–	
EMCETUR	Centro de Turismo do Ceará
–	
SEMACE	Sistema Nacional de Meio Ambiente
–	

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	16
2.1	Tipo de pesquisa	16
2.2	Metodologia	16
2.3	Procedimentos e ferramentas da pesquisa	17
2.4	Pesquisa em campo	17
2.5	Amostragem	18
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1	A importância do artesanato para a preservação da cultura local .	19
3.1.1	<i>A história do artesanato</i>	19
3.1.2	<i>O artesanato para a cultura</i>	23
3.2	A cultura e o artesanato cearense	25
3.2.1	<i>Introdução à história do Ceará</i>	25
3.2.2	<i>O artesanato na cultura e vida do cearense ao longo da história</i> ..	28
3.3	História da renda de bilro em Mundaú	31
3.3.1	<i>Introdução à história e geografia de Mundaú</i>	31
3.3.2	<i>A vida cotidiana em Mundaú: características socioeconômicas</i> ...	35
3.3.3	<i>Renda de bilro: artesanato local</i>	37
4	RESULTADOS DE COLETAS DE DADOS	39
4.1	Resultados do instrumento de coleta de dados: perfil do entrevistado	39
4.2	Resultados do instrumento de coleta de dados: Produção	46
4.2.1	<i>Organização cooperativa</i>	46
4.2.2	<i>Processo criativo</i>	49
4.2.3	<i>Escolha e compra da matéria prima</i>	50
4.2.4	<i>Produção da renda</i>	56
4.2.5	<i>Precificação do produto e venda</i>	57
5	ANÁLISE DE RESULTADOS	63
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Este projeto visa apresentar a renda de bilro de Mundaú para o meio acadêmico. O artesanato Cearense, vem de muitas formas, cores, texturas e materiais, existindo desde o artesanato em madeira produzido pelos nativos da tribo lepé, até as rendas típicas do Ceará. A renda de bilro de Mundaú (Trairi - Ceará) é um desses tantos artesanatos cearense e objeto dessa pesquisa, na qual conheceremos as mulheres rendeiras dessa região pelo viés cultural e social.

O artesanato sempre foi meu assunto de interesse e uma parte presente na minha vida e graduação. Logo, quando tive a oportunidade de ir em uma viagem para Mundaú, em novembro de 2019, conheci as técnicas utilizadas por aquelas mulheres, pude conhecer os trabalhos delas, como elas viviam e a forma pela qual tratavam as rendas de bilro.

A produção da renda de bilro é utilizada como renda complementar para essas mulheres que no final da tarde, podíamos vê-las construindo aos poucos a sua renda no batente de casa, ao pôr do sol. Esse artesanato tem importância para eles e faz parte da cultura local. Entre tantas histórias que pude conhecer, uma foi de uma mulher que havia nascido em Mundaú, aprendeu a técnica na região e ao se tornar adulta, casou-se com um homem Belga, e, mesmo indo morar na Europa, ela continuava a tradição da família produzindo a renda de bilro na Europa.

Pude perceber nesta viagem que a comunidade vivia principalmente da pesca, do artesanato e do turismo, mas eu nunca havia ouvido falar das rendas de bilro de Mundaú, o que me provocou curiosidade para estudar a comunidade.

Em conversas com os moradores da região me foi informado que as peças de roupas praianas feitas em bilro eram vendidas para São Paulo, Fortaleza e outras regiões próximas de Trairi para ser revendidas por mais de três vezes o valor que havia sido repassado pelas rendeiras; ou era vendido para os turistas que passavam de bugue por lá, vindos das outras praias próximas, principalmente Flexeiras.

Desta maneira, neste projeto pretendo apresentar essas mulheres para a comunidade acadêmica e da moda cearense. Entender e apresentar a cultura da região; como esse artesanato movimenta a economia local; a vida e vivência das

artesãs mais velhas até as mais novas; como funciona a sua produção e venda; como foi repassado esse conhecimento para elas e a história não contada delas e do seu artesanato.

Assim, tentarei responder às perguntas: Qual a história por detrás das rendas de Mundaú? Qual a importância das rendas de Mundaú para a preservação da cultura cearense? Como as rendeiras produzem suas rendas até a peça final? Como foi preservada a cultura da renda de bilro de Mundaú? Quanto o ganho com a renda de bilro representa no sustento da família?

Essa monografia foi dividida em 5 capítulos, sendo o primeiro a introdução que contém a delimitação do tema e sua relevância, justificativa, a problemática do tema, objetivos da monografia, metodologia e os resultados da pesquisa; No segundo capítulo, a metodologia está mais detalhada e traz as ferramentas da pesquisa, tanto a bibliográfica, quanto a pesquisa em campo;

No terceiro capítulo, temos a fundamentação teórica, com os dados da pesquisa bibliográfica. O capítulo é dividido em três seções secundárias, a primeira é: a importância do artesanato para a preservação da cultura local, que é subdividido em: a história do artesanato e o artesanato para a cultura; a segunda é: a cultura e o artesanato cearense, com as subdivisões: introdução à história do Ceará e o artesanato na cultura e vida do cearense ao longo da história; a terceira seção secundária é: história da renda de bilro em Mundaú, subdividida em: introdução à história e geografia de Mundaú, a vida cotidiana em Mundaú: características socioeconômicas e renda de bilro: artesanato local.

No quarto capítulo estão os dados da pesquisa em campo. Ele foi dividido em duas seções secundárias. A primeira contém os dados da primeira etapa da pesquisa, os dados pessoais da entrevistada (rendeiras). A segunda etapa da pesquisa está na segunda seção secundária, que foi dividida em cinco seções terciárias, sendo elas: organização cooperativa; processo criativo; escolha e compra da matéria prima; produção da renda; precificação do produto e venda.

O quinto capítulo traz a análise dos resultados da pesquisa bibliográfica e da pesquisa em campo, adjunto as possíveis soluções do problema delas pelo ponto de vista do designer de moda. Logo após o quinto capítulo, temos as considerações finais que fazem a análise do projeto e se ele atingiu os seus objetivos.

Para aplicação da pesquisa em campo deste projeto foi realizada uma pesquisa exploratória, baseada em pesquisas em livros, artigos científicos, estudo de campo, conversas com os moradores e dedução, a qual os resultados da pesquisa foram transcritos neste projeto dividido em cinco capítulos sucintos e objetivos, com imagens; transcrições das falas locais; produção do artesanato cearense atual; a história da renda de bilro; a renda de bilro e a suas etapas de produção até a peça final e venda.

Ou seja, esse projeto pretende fazer um registro sobre a vida na comunidade de Mundaú e o trabalho das mulheres que produzem a renda de Bilro. Assim, conhecendo a região, cultura e produção da renda de bilro para compreender a importância da mesma para a sociedade e para as rendeiras. Para tal foi investigado e analisada a história e geografia local; características da comunidade; dados básicos das rendeiras; sua produção; taxa de produção; custo e o lucro; o apego emocional das rendeiras com suas obras e como elas repassam essas produções para os clientes.

Para isso, foi realizada uma pesquisa em campo dividida em duas etapas que trouxeram uma amostra de dados importantes sobre os produtores da renda de bilro, foi um ofício aprendido em âmbito familiar; seu nível de escolaridade; seu processo criativo; sua produção e materiais; seu processo criativo baseado em suas vivências e sua inspiração ser a natureza; suas vendas e a desvalorização monetária de seus produtos.

Com os resultados da pesquisa, foi concluído que é uma região com potencial de desenvolvimento, mas precisa de parcerias e conhecimentos básicos de um design de moda, para às ensinar conceitos de pré-produção, produção, venda e pós-produção utilizados na indústria e serem adaptados e aplicados ao meio de produção das rendeiras. Elas necessitam aprender sobre administração de tempo, estoque, produção; orçamentos; marketing, publicidade e venda de produtos; tornando seus produtos mais atrativos e comerciais. Dessa maneira, a economia local irá melhorar e haverá mais interesse tanto do governo quanto da sociedade nessas produções, garantindo a preservação do ofício por mais algumas gerações.

2 METODOLOGIA

De acordo com Antonio Carlos Gil (2008, p. 08), no seu livro Métodos e técnicas de pesquisa social, a metodologia pode ser dividida em tipos de pesquisas de acordo com o objetivo e método de pesquisa, como o exploratório, que tem como característica o levantamento de informações para levantar hipóteses mais precisas; a pesquisa descritiva, essa registra e faz análises concretas do seu objeto de pesquisa, sem influências do pesquisador; e a pesquisa explicativa, esta tem como objetivo identificar causas, para isso ela registra, analisa e interpreta a busca de uma hipótese de causa de algo.

2.1 Tipo de pesquisa

No caso deste projeto, ele tem como finalidade básica estratégica, com um conhecimento útil que pode ser utilizado em estudos práticos futuros. O tipo de pesquisa, é exploratória. Definida pelo dicionário online Oxford Languages, explorar é percorrer (região, território etc.) para estudar, pesquisar, conhecer”.

O método de pesquisa utilizado é o método dedutivo, a qual é feita a análise de informações e se utiliza o raciocínio lógico e a dedução para obter uma conclusão a respeito de um determinado assunto (GIL, 2008, p. 09).

2.2 Metodologia

A pesquisa de campo é de cunho etnográfico e utiliza ferramentas da pesquisa etnográfica. Será feito uma pesquisa em campo, no qual será analisado e exposto os dados coletados de forma qualitativa.

Aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação pelo sociólogo, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise (MARTINS, 2004, p. 289).

Ou seja, a pesquisa traz dados subjetivos, sendo necessário em vezes utilizar intuição e imaginação. Serão trazidas frases e impressões das rendeiras, memórias não registradas e comprovadas em documentos oficiais, mas que às rendeiras carregaram em suas memórias por toda uma vida.

2.3 Procedimentos e ferramentas da pesquisa

Os procedimentos são o bibliográfico, por meio de pesquisas e leitura de textos e livros acadêmicos sobre os temas abordados no projeto; documental, a qual irei fazer uma investigação nos documentos públicos em sites oficiais e confiáveis do governo e órgãos gestores ou de pesquisa, como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ou documentos que a comunidade de Mundaú esteja disposto para a pesquisa; levantamentos de dados, imagens autorais, histórias, livros, produtos, artesanais, sendo auxiliada por uma geógrafa Fernanda Cunha, na pesquisa das características geográficas da praia, rio, manguezal e cidade.

Pesquisa em campo, tendo a vivência de sete dias conhecendo o local, a cultura e vivendo com eles na casa de um morador em novembro de 2019, acompanhada de uma geógrafa Fernanda Cunha e mais três dias em abril de 2022 acompanhada de um estudante de psicologia; e como a base do projeto, o estudo de caso que será via WhatsApp, Instagram, formulários online e presencialmente, que terá como instrumentos diário de bordo, fotografia, pesquisa, questionários estruturados, entrevistas semi estruturadas, leituras de textos.

2.4 Pesquisa em campo

Sua coleta de, uma sobre o perfil dos entrevistados (apêndice A: A) e outra sobre a produção das rendas de bilro (apêndice A: B). Esta, também, utilizará ferramentas como: estudo imagético, com fotografias de autoria própria, imagens disponíveis nas redes sociais das rendeiras e jornais locais.

A coleta de dados foi dividida em duas partes, sendo uma sobre as informações do perfil das rendeiras e a outra sobre a produção e seus processos. A pesquisa foi realizada em campo por meio de entrevistas formadas por dois questionários estruturado (localizado no apêndice A: A, p. 76 e apêndice A: B, p. 79), cada um possuindo quinze e dezesseis perguntas respectivamente, e semi estruturado, contendo perguntas abertas e fechadas, feitos com as bilreiras de Mundaú.

A coleta sobre o perfil dos entrevistados, apresentada no capítulo quatro, seção secundária 4.1, teve como objetivo mostrar quem são as rendeiras

mundauenses, sabermos sua idade, seu sexo, sua escolaridade, seus hábitos. Ou seja, a pesquisa tem como objetivo delimitar uma persona, mostrando que são as pessoas responsáveis pela preservação do conhecimento da criação e produção da, conhecida popularmente, renda do Ceará.

Já a coleta de dados sobre a produção das rendas de bilro, apresentada no capítulo quatro, seção secundária 4.2, teve como objetivo descobrir como é feita a renda, desde a idealização do que as bilreiras desejam fazer até o momento da venda destas peças. Em outras palavras, a pesquisa se objetivou em analisar os métodos de produção, o planejamento da peça, execução, materiais, estocamento e venda das suas produções.

2.5 Amostragem

A escolha das entrevistadas foi feita de forma aleatória de acordo com a disponibilidade das mesmas. Foi realizada uma busca previamente por meio de redes sociais de moradores da região, como Instagram e Whatsapp com o método bola de neve (snowball), que consiste em teia de contatos, a qual, ao se localizar uma pessoa envolvida na área que se deseja pesquisar, ela pode indicar outras pessoas envolvidas na mesma área (Santos, 2018, p. 26).

As entrevistas aconteceram em Mundaú - Trairi no dia 22 de abril de 2022 e foi encerrada no dia 24 de abril de 2022, sendo realizada presencialmente durante três dias. Assim, ocorreram dez entrevistas com bilreiras oralmente, sendo preenchidas na ficha impressa pela pesquisadora, e frases marcantes, transcrevidas no diário de viagem por Alejandro Cristian Matos Ferreira (estudante de psicologia e companheiro de viagem e pesquisa).

As entrevistas foram realizadas de forma descontraída em formato de conversas guiadas pelas questões do instrumento de coleta de dados, mas não foram restringidas a somente elas.

No projeto não será dito os nomes oficiais das rendeiras a fim de preservar elas, em vez disso, às entrevistadas serão nomeadas por: Rendeira A, Rendeira B e assim por diante.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A importância do artesanato para a preservação da cultura local

3.1.2 A história do artesanato

O artesanato é definido pelo dicionário online Oxford Languages, como: “arte e técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária e artística ou conjunto das peças de produção artesanal.” No entanto, Lima (2009, p. 01) define o artesanato como:

Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único, instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância (LIMA, 2009, p. 01).

Já a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) definiu produtos artesanais no Simpósio Internacional/CCI de 1997, como:

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social (MACHADO, 2019, p. 54).

O que todos esses autores dizem em comum sobre o artesanato é que ele refere-se a produção de objetos manualmente. O homem é o próprio produtor do artefato. Ou seja, o artesanato tem uma produção lenta e muitas vezes possui uma relação próxima e sentimental com quem o produz, tendo sido o único meio de produção por muitos anos e acompanhado a evolução da humanidade desde seus primórdios (LIMA, 2011, apud MACHADO, 2019, p. 53) e isso pode ser confirmado na história da humanidade.

Ainda no período conhecido como pré-história, cerca de 6.000 a.C, no período neolítico, quando os homens passam a suprir algumas de suas necessidades, criando cestos; esculpindo pedras; moldando barro; confeccionando vestimentas com a pele dos animais caçados; criando armas para a caça. Dessa forma a vida humana se desenvolveu, por meio das práticas manuais. Com o passar do tempo a sociedade se desenvolveu e o artesão permaneceu necessário para está por anos.

Na Idade Média, o artesão era um trabalhador da cidade, possuíam pequenas oficinas, no qual, com o auxílio dos seus discípulos, eles produziam o produto e os vendiam, sendo estes responsáveis e donos de todos os meios de produção e regulamentados pelos grêmios (eram corporações semelhantes aos sindicatos de hoje).

Era o artesão quem possuía o conhecimento da criação, do fazer manual, era ele quem ensinava a seus discípulos, como dominar as técnicas e ferramentas para o desenvolvimento de diversos produtos, como coletar a matéria prima, produzir e os vendê-los. Os discípulos permaneceram com este status até que seu mestre o dá a bênção para que este abra sua própria oficina e passe a treinar outros jovens e ter os seus próprios discípulos (TONIETTO, 2000, p. 23).

Podemos ver este tipo de costume sendo retratado na série de televisão britânica: Os pilares da terra, que se passa na Inglaterra do século XII, em um cenário de guerra, e conflitos religiosos e políticos. Como núcleo externo ao palácio, temos Jack Jackson, filho da dita como bruxa da série, e Tom Builder, o mestre de obra, arquiteto, engenheiro e pedreiro da série. Tom, conhece Ellen e seu filho Jack, no qual passa a ser o discípulo de Tom, aprendendo sobre construção e escultura.

Na Modernidade, com a Revolução Industrial, no século XVIII, os hábitos de produção da cidade mudam, tomando novas proporções. O que antes era feito manualmente, em pequena escala e vendido pelo próprio artesão, agora é produzido por máquinas em larga escala, aumentando sua produtividade ao passar de cada fase da revolução industrial.

Assim, na contemporaneidade, a segunda fase da Revolução Industrial se iniciou, no final do século XIX, tendo como marco o estilo de produção fordista, que nos é elucidado por Neto em:

O empresário Henry Ford apresentou múltiplas inovações no sistema produtivo com finalidade de realizar mais produto em pouco tempo, estabeleceu nas fábricas a produção em série (produtos padronizados e em alto quantidade) e a divisão da produção (cada funcionário realiza apenas uma função específica dentro da montagem do mercadoria). Desse modo, esse tipo de processo praticado por distintas fábricas ficou visto como regime fordista (NETO, 2019, p. 11).

Outrossim, com a utilização da energia elétrica e do petróleo, o sistema produtivo conhecido como fordismo fez com que a produção tomasse uma proporção ainda maior que a primeira fase da revolução industrial. Desta forma, a produção em larga escala passa a ser valorizada por aumentar a produção, diminuindo os custos e valores dos produtos, aumentando assim o consumo e lucros, consolidando de vez as indústrias pelo mundo, se tornando a maior parcela de vendas do mercado (NETO, 2019, p. 11-12).

Portanto, a produção artesanal se restringiu para produção familiar, sendo a menor parcela de produtos à venda do mercado. Consequentemente a isso, os ensinamentos manuais passaram a ser passados mais comumente dos pais para os filhos. Essa produção era importante no lar sendo um importante passatempo para as mulheres da Idade Moderna, quase uma obrigação para aquelas que iriam se casar, pois precisavam bordar suas peças do enxoval, como pode ser exemplificado por Barbosa; Mota; Pinto, (2008, p. 04) quando elas falam sobre os casamentos no Brasil colônia e os seus dotes em:

O dote era obrigação dos pais da noiva, que davam ao futuro marido da filha escravos, animais, lotes de terra, dinheiro, enfim, parte da herança dos pais a qual a filha teria direito na ocasião da morte destes, além do enxoval, que incluía artigos pessoais de vestuário, inclusive o vestido e a camisola de núpcias, roupas e artigos do lar como mobiliário e têxteis de cama, mesa e banho, **ricamente bordados pelas mulheres da família** (grifo nosso) e escravas (BARBOSA; MOTA; PINTO, 2008, p. 04).

Essa prática das moças fazerem seus enxovais bordados a mão continuou sendo comum até o início do séc. XX. Na modernidade e primeiros séculos da contemporaneidade cearense, as práticas manuais são vistas pela sociedade como uma prenda necessária para as moças de família e boas espoças. Essa tradição era passada de mãe para filha, assim como Oliveira (2013, p. 21 apud BARROSO R., 2008, p. 60) nos fala sobre o artesanato cearense e como ele é uma herança familiar comum na vida feminina dos séculos passados:

Embora se concentre, principalmente, em Maranguape, Itapajé, Trairi, Croatá, Irauçuba, Itatira e Viçosa do Ceará. Mistura-se com outros artesanatos femininos, que resultam de trançados em fio e artes em tecido. Muitos deles são tidos como prendas domésticas, isto é, habilidades femininas que qualificam as moças para o casamento (ou, pelo menos, qualificaram). Entre tais quefezeres estão o crochê e o tricô (OLIVEIRA, 2013, p. 21 apud BARROSO, 2008, p. 60).

Em suma, o artesanato teve uma grande importância na evolução da humanidade e no processo socioeconômico das tribos e civilizações. Entretanto, após a Revolução Industrial, o artesanato perdeu a sua extrema importância social de sobrevivência e foi substituído pela produção de máquinas.

No Brasil, após a chegada de muitos portugueses e declínio da extração do ouro, teve início a industrialização do país pelo algodão, para a exportação, denominado como ciclo do algodão¹. Os Estados que dominaram o cultivo do algodão foram: Maranhão, Pará, Bahia, Ceará, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro (SIMONSEN, 1957, p. 386 - 387 apud CUNHA, 2020, p. 218).

Essa produção de algodão nas grandes fazendas cearenses, adjunto com a cultura das práticas manuais femininas na produção do seus enxovais e adornos, vinda da Europa, fizeram com que o artesanato no Ceará se tornasse um importante marcador cultural local e fosse preservado nos lares cearenses mesmo com o início da Revolução Industrial e que futuramente, a renda de bilro fosse conhecida como renda do Ceará.

Hoje, a prática do artesanato no Ceará está nas casas, ruas, lojas, feiras, redes sociais. Possuindo a ajuda governamental para se manter ativa, o Ceará reúne, hoje, trinta e cinco mil e cinquenta e quatro artesãos cadastrados na CEART (Central de Artesanato do Ceará) e cerca de dois mil e oitocentos credenciados a prestarem serviços e produtos. A CEART comercializa criações de dezesseis tipologias artesanais diferentes, nas lojas físicas e no e-commerce, com vendas para todo o Brasil, dados da SPS - Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos, de 2012).

¹ Ciclo econômico do país que ocorreu em meados do século XVIII e começo do século XIX, a qual as fazendas faziam o plantio do algodão.

3.1.2 O artesanato para a cultura

A prática de construção de artigos e objetos manualmente teve um papel fundamental na construção da sociedade atual (LIMA, 2011, apud MACHADO, 2019, p. 53). Foi por meio delas que foram construídas as primeiras lanças para a caça e vestes para nos cobrir.

No início da criação do que hoje chamamos de sociedade, mais especificamente no período paleolítico, os seres humanos criaram com pele de animais as primeiras vestes, que tinham como função utilitária os esquentar no frio ou os camuflar na caça.

Com o tempo, surgiu a tecelagem com caules e fibras que se desenvolveu, surgindo as primeiras vestes. Proporcionando assim, nas sociedades antigas o uso de vestes com costuras e até bordados como os assírios, cretas, gregos, entre outros faziam. Ou seja, práticas, como o bordado, aplicações e criação de tecidos manuais fazem parte da história da humanidade e da sociedade e conseqüentemente da cultura destas (LAVÉR, 1990, p. 14 - 23).

Tendo em vista isto, Eagleton (2005, p. 12) define cultura, como:

Se a palavra cultura descreve uma decisiva transição histórica, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Num único termo, os contornos de questões como liberdade e determinismo, actividade e resistência, mudança e identidade, o que é dado e o que é criado, surgem difusamente. Se cultura significa a procura activa de crescimento natural, a palavra sugere, então, uma dialéctica entre o artificial e o natural, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz (EAGLETON, 2005, p. 12).

Por outro lado, o autor Cidreira (2003, p. 230) define a cultura, como:

“É subjetiva”, ou seja, é uma capacidade do espírito de se relacionar com o espírito, no sentido da produção intelectual e artística, por exemplo, filosófica, científica. Ou se ela tem uma capacidade de objetivar-se, através de instituições, relações e representações que se impõem de uma maneira muito forte (CIDREIRA, 2003, p. 230).

Ou seja, a cultura é tanto uma herança, como uma construção, herdada dos antepassados e perpetuada até os dias de hoje, sofrendo alterações, mas se mantendo na vida da sociedade ao longo dos anos.

O artesanato, por ser uma prática manual, leva consigo características intrínsecas do seu criador, suas heranças culturais; suas preferências; suas

características sociais e econômicas; suas experiências, sendo definido por Machado (2019, p. 54), como:

O artesanato pode ser definido como algo heterogêneo, é uma expressão cultural de valor material e com forte carga imaterial, está inserido entre a tradição e a contemporaneidade (MACHADO, 2019, p. 54).

São técnicas aprendidas com os seus avós, uma vizinha que mora há muitos anos no final da rua ou até mesmo um mestre artesão que o ensinou. O autor Ramos (2013, p. 45) disse o seguinte sobre o produto artesanal:

O objeto artesanal tem como característica ser fruto do trabalho das mãos humanas. São diversas mãos que, coletivamente, atribuem forma, função e sentido a um determinado objeto, mãos de trabalhadores, dotados de saberes e habilidades diferenciadas por meio das quais o sujeito adquire a identidade de artesão (RAMOS, 2013, p. 45).

Ou seja, o artesanato cearense é uma herança cultural dos antepassados cearenses e portugueses que se adaptaram e foram modificados por cada artesão que o reproduziu, pondo sua identidade, seus gostos pessoais e suas características, criando a sua identidade pessoal e local, desenvolvendo novos produtos e técnicas artesanais.

Alguns dos artesanatos locais são: varanda², o filé, o bordado, labirinto e a renda de bilro, que até hoje são trabalhados em diferentes regiões do Ceará. Esse artesanato é passado de geração em geração em certas comunidades e perpetuado por muitos anos, como é explicado pela revista online DASARTES:

O artesanato tradicional é fruto de um saber passado de geração a geração. Essa transmissão acontece nos núcleos familiares, de pais para filhos, e também em uma dimensão mais ampla, entre quem ensina e quem aprende (DASARTES, 2021).

Em síntese, o artesanato se faz necessário para a preservação da tradição do fazer na cultura cearense. O artesanato não é só meio de produção de um objeto, mas uma maneira de perpetuar uma história, culturas e tradições.

Para elucidar isto, a herança cultural que herdamos de nossas famílias e ou ciclos próximos, no livro “Casaco de Marx: roupas, memória e dor”, o autor Stallybrass (2008. p. 23) conta a história da “colcha nupcial” das mulheres estadunidenses do século XIX em: “Colcha é feita de pedaços de tecido que

² Macramê comumente aplicado em redes.

carregam os traços de sua história e, em seu uso, a colcha passa a carregar os traços de outras pessoas, de sua irmã, da morte”.

Em outras palavras, elas faziam suas colchas nupciais ao longo de suas vidas até o dia do seu casamento com retalhos de tecidos que representavam momentos diferentes de sua vida, como: retalhos de um vestido da infância, almofada que lembrava a casa da família, um retalho de colcha da sua mãe, renda velha de um vestido de festa, entre tantos outros. Desse modo, com essas colchas, elas preservaram pequenos momentos de suas vidas antes do casamento consigo na sua vida de casada e suas recordações.

3.2 A cultura e o artesanato cearense

3.2.1 Introdução à história do Ceará

Para entendermos a cultura e as artesanias de um local e entendermos como um artesanato foi criado e se desenvolveu mais em uma região do que em outra, precisamos entender um pouco sobre a história e geografia deste local para entendermos a cultura deles e assim os movimentos do artesanato local. Desta forma, recapitulemos neste capítulo um pouco, de forma breve, a história do Ceará.

O litoral cearense apresenta sol boa parte do ano, dando trégua em alguns momentos do dia em período de chuva, sendo a estação chuvosa entre fevereiro e maio (Meneses, 2007, apud ROCHA; JUNIOR; SILVEIRA; MARTINS; GONÇALVES; SILVA; ALVES; SAKAMOTO, 2021, p. 580). Ao longo do ano, nas praias, possuem águas quentes e ventos frescos e refrescantes, algumas de suas praias possuem dunas e falácias. O motivo de tudo isso acontecer é a sua geografia privilegiada.

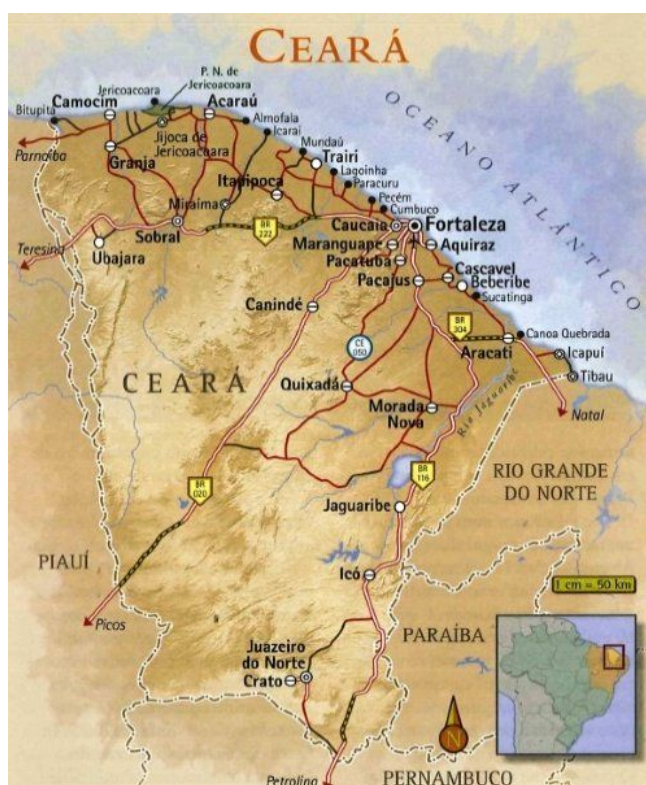
O estado do Ceará se localiza no nordeste brasileiro, próximo a linha do Equador, caracterizando-se por um clima tropical, tendo temperatura média anual em Fortaleza de 26.7° C, de acordo com a Köppen e Geiger (informação disponível no climate-data.org), sendo muito bem aproveitada para a atividade turística, pois sua planície é costeira, constituída por tabuleiros, planícies fluviais, flúvio marinhas, praia, dunas (CORREIA, 2016, p. 37).

Ou seja, o estado é banhado pelo Oceano Atlântico e tem 573 km de extensão da linha da costa, possui dunas, rios, lagoas, praias, chapadas, falésias, o

que faz por natureza o turismo se desenvolver em diversas regiões do estado, independente se o turismo é em família ou para a prática de esportes radicais, sem que nenhuma anule ou interfira na outra.

Uma de suas características do estado é a divisão entre onde o sol nasce, ao leste (nascente) e onde o sol se põe, a oeste (poente), tendo como seu ponto de interseção Fortaleza, capital do estado (Figura 01).

Figura 01 — Mapa da costa cearense ilustrado



Fonte: Fortaleza beaches. in.

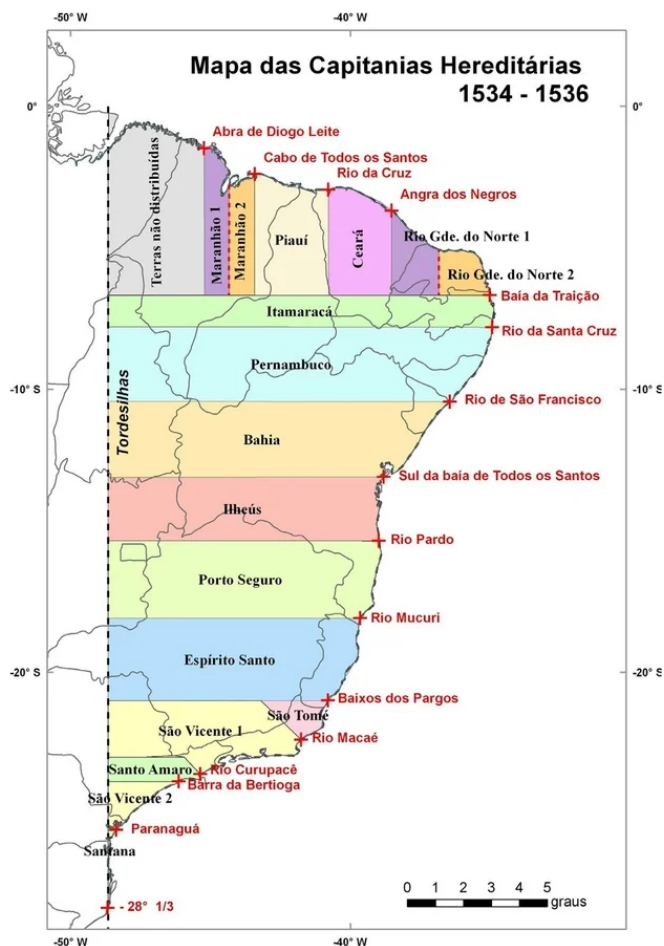
<http://www.fortalezabeaches.com/litoral-oeste-do-ceara.html>.

Acesso: 11 de abril de 2022.

A história cearense, pós chegada dos portugueses às Américas, tem início a partir de 1504, e logo depois foram criadas as capitanias hereditárias (Figura 02) para incentivar o uso das terras do *novo mundo*. Isso é, neste período, no qual o Brasil havia a pouco recebido os portugueses pela primeira vez, registrada, para não deixar as *terra parada*, o rei de Portugal, D. João III, em 1534, decidiu dividir o território brasileiro em capitanias. A primeira divisão territorial e administrativa

implantada por eles aqui no Brasil a capitania do Ceará surgiu, pertencendo ao Antônio Cardoso de Barros.

Figura 02 — Mapa das capitânicas hereditária de 1534 - 1536



Fonte: Toda Matéria. in.

<https://www.todamateria.com.br/capitanias-hereditarias/>.

Acesso: 11 de abril de 2022.

A capitania Ceará não foi habitada por muitos anos devido a falta de interesse de seus donos e principalmente devido ao risco que era tomar posse desse território. Os nativos da região não aceitavam a invasão de seu território e expulsavam, ou, matavam as famílias invasoras, como podemos ver em:

Motivados pelo ódio aos colonos estavam prontos para trucidar os intrusos que invadiam o seu território. [...] Os conflitos nessa região atingiram patamares alarmantes. “De todas as zonas do Brasil de onde os autóctones repeliram longa e bravamente os assaltos dos conquistadores, nenhum

apresenta tão grande resistência à invasão quanto o Nordeste” (FILHO, 1959 apud NETO, 2006, p. 73 - 74).

Por volta de 1600 é iniciado o processo de colonização da região de forma mais efetiva e agressiva, com o forte de São Tiago, São Tomé, São Sebastião e depois outros tantos.

Sabemos, pelas documentações preservadas, que neste período os Holandeses na tentativa de invasão ao Ceará, em 1637, trouxeram para a Barra do Ceará 4 canhões ingleses muito utilizados pela Holanda deste período. Esse mesmo forte foi tomado pelos portugueses em 1654 e renomeado de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, dando origem ao nome a atual capital do Ceará. Lima (2014, p. 15) diz sobre a origem da capital:

A Vila de Fortaleza foi criada em 1725 e sua implantação ocorreu em 13 de abril de 1726, juntamente com a primeira eleição para a Câmara dos Vereadores (LIMA, 2014, p. 15).

Atualmente, a cidade de Fortaleza se tornou em 2020 (de acordo com o site do G1) uma das cidades com o maior PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil, estando em nono lugar no Brasil e em primeiro lugar no nordeste. Mas com todo esse desenvolvimento e melhoria econômica, aproximou a tecnologia e afastou o artesanato.

O artesanato na capital se tornou uma arte menos praticada, no geral, na vida movimentada dos moradores dela, em comparativa ao período de colonização, na qual as mulheres produziam artesanatos para os seus lares (BARBOSA; MOTA; PINTO, 2008, p. 04) no qual “Essas mulheres alternavam seus dias entre rezar e trabalhar, tecendo, fiando e bordando as roupas da época e os artigos do lar” (BARBOSA; MOTA; PINTO, 2008, p. 03), devido a sua ingressão ao mercado de trabalho e modernização nas relações sociais no século XX (SILVA, 2014, p. 58).

3.2.2 O artesanato na cultura e vida do cearense ao longo da história

Agora contextualizados com a história e geografia cearense, veremos de forma mais breve marcos que moldaram a cultura cearense.

Sabemos que os principais colonizadores da região foram os portugueses. A região foi regida por muitos conflitos entre os colonos e os nativos, principalmente por motivos religiosos, já que os portugueses não queriam somente as terras e as

bênçãos da natureza local, também desejavam levar novos fiéis para a igreja católica, como é dito por Neto (2006, p. 72) em:

Essas estratégias para barrar a força dos amotinados não foram suficientes para amortecer os ânimos aguerridos dos índios em conflito.[...] Esse movimento teve como desfecho a derrota da tropa, a expulsão dos jesuítas do Ceará e a supressão das missões (NETO, 2006, p. 72).

A cultura cearense vem pautada na religiosidade desde a invasão portuguesa ao território, que hoje chamamos de Ceará. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, veio junto os frades e todos aqueles que desejavam *salvar as almas dos pobres gentios da terra*.

Em meio às batalhas entre os portugueses e os nativos, haviam os catequizadores, que estavam aqui para ensiná-los a fé cristã por meio das peças teatrais. Assim, até hoje a religião em geral e principalmente de viés católico, tem uma grande importância na vida da população cearense, como podemos ver na passagem retirada da revista on-line Continente que diz:

O curioso é que muitos desses fiéis, geralmente devotos de primeira viagem, acabam desistindo de voltar para suas casas e simplesmente decidem fixar residência na famosa ladeira. Os casos se multiplicam e fornecem uma pequena ideia da incrível força exercida pela religiosidade popular no interior do Nordeste. Em Juazeiro do Norte, mais especificamente no endereço conhecido como "Subida do Horto", onde a fé definitivamente está acima da razão (CONTINENTE, 2012).

Além da fé cristã, as portuguesas trouxeram para o Ceará o enxoval de cama, mesa, banho e decorativo todo bordado à mão colorido e florido, com bico de renda de bilro. Isso nos é exemplificado por Zaluar e Pimentel (2004, p. 04) em:

As primeiras almofadas entraram no Brasil trazidas por mulheres portuguesas que, com suas famílias, deixavam sua terra natal em busca de uma vida melhor no novo continente. Entrava com elas toda uma herança cultural acumulada em séculos de trabalho. Vinham as rendeiras de regiões litorâneas de Portugal - Estremadura, Minho, Algarve e Alentejo - onde tradicionalmente os homens são pescadores e as mulheres fazem renda (ZALUAR, PIMENTEL, 2004, p. 04).

Devido à grande extensão de terras costeiras cearenses, muitas vilas pesqueiras se formaram no território. Com a chegada das famílias de pescadores portugueses e suas tradições, o artesanato feminino das portuguesas se estabeleceu na região. Elas faziam esses artesanatos, pois a igreja católica acreditava que assim afastava os maus pensamentos da figura feminina (BARBOSA; MOTA; PINTO, 2008, p. 03).

Muitas mulheres produziam diversos artesanatos de suas terras aqui por costume, tradição ou saudades de casa. Por o artesanato ser considerado uma expressão cultural de valor material e imaterial, que está entre a tradição e a contemporaneidade (ALVIM, 1983. apud MACHADO, 2019, p. 54), isso as ajudavam se lembrar de sua terra natal e diminuir as saudades de casa, além de trazer a beleza européia conhecida por elas para o *novo mundo*.

Os artesanatos e ensinamento das técnicas utilizadas em suas produções se mantiveram no Ceará sendo repassado de geração em geração. Contudo, sua prática ficou cada vez menos frequente com a chegada de cada maquinário novo que substituíam as técnicas manuais de fabricação dos objetos cotidianos. Assim, a indústria foi sendo colocada em primeiro plano para o progresso do Brasil (VILAR, 1988, p. 40).

Desse modo, as herdeiras da renda de bilro, popularmente conhecida como renda do Ceará, esposas e filhas de pescadores do litoral nordestino, nas capitais, aos poucos também foram perdendo sua herança para a modernização; industrialização nos meios de produção; aceleração na vida cotidiana; entrada das mulheres no mercado de trabalho no século XX; queda no preço das roupas para a população geral devido a alta produção acelerada.

Além da modernização, também houve uma crise algodoeira, no século XX, no qual os maquinários, vindo dos Estados Unidos, trouxeram pragas que destruíram as lavouras de algodão cearense, o que diminuiu consideravelmente a produção do algodão no Ceará até hoje (CUNHA, 2020, p. 236). Sendo o algodão uma matéria prima de suma importância na produção de diversos produtos artesanais tradicionais do Ceará, como a própria renda de bilro, suas produções também foram prejudicadas.

Entre 1978 e 1986, no Ceará, houve um descompasso das estruturas econômicas e políticas tradicionais³, devido à crise da economia algodoeira e pelo desenvolvimento de atividades ligadas à indústria e ao comércio, que incentivaram relações de trabalho no modelo de produção contemporâneo (Cardoso, 2010, p. 26).

O artesanato se tornou pouco praticada e cada vez mais incomum, pois o comércio desta, havia se tornado marginalizado - a margem da capital que se desenvolvia industrialmente, passando a ser mais comuns em outras regiões do

³ Incentivo ao comércio de artesanias.

Estado, mais afastado das capitais, como em Mundaú, com um desenvolvimento econômico e educacional limitado.

3.3 História da renda de bilro em Mundaú

3.3.1 Introdução à história e geografia de Mundaú

Para dar continuidade nos nossos estudos e entendermos a cultura e as artesanias de Mundaú, por qual motivo a renda de bilro foi preservada na região, e o motivo dela ser importante para a comunidade de Mundaú que continua mantendo suas características históricas.

Portanto, vamos ver neste capítulo, a história, geografia e características culturais de Mundaú e descobriremos como a renda de bilro chegou em Mundaú, para que possamos entender a relevância da renda de bilro para a população do litoral oeste do Ceará.

De acordo com Bastos (2010), com a chegada dos Pitiguaras/Potiguaras⁴ as margens do rio Trairi em 1608, a aldeia de Trairi surgiu e se manteve assim até o final do séc XVII, quando os primeiros portugueses passaram a habitar na região.

Registros indicam que, em 1760, o português João Verônica de Moura, um colonizador sertanista⁵ chegou a região e se vincou na terra, logo depois, chegou tantos outros colonizadores, como Nicolau Tolentino, Marinheiro Cunha, Manuel Barbosa, Xavier de Sousa, Manoel Francisco Pereira e Antônio Barros de Sousa.

Com o passar dos anos e o aumento da população e desenvolvimento econômico advindo da pesca, agricultura e pastoreio, a aldeia tornou-se o Distrito de Paracuru, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 1842.

Em 1863, foi desassociado de Fortaleza e se tornou Vila de Paracuru sendo destituída no ano seguinte e dez anos depois ela volta a ser uma vila, a Vila de Nossa Senhora do Livramento, separada de Paracuru, mudando o seu nome para Vila de Trairi no ano seguinte (1975).

⁴ Grupo indígena/ nativos brasileiros que, no século XVI, ocupava áreas do nordeste brasileiro, como o Ceará.

⁵ Como bandeirante, era alguém que adentravam o sertão em busca de riquezas.

Em 1911, é feita a divisão do distrito em dois, Trairi e Mundaú, até que em 1931 o seu território volta a fazer parte de Paracuru, sendo destituído dele de vez somente em 1951, quando se tornou o Município Trairi, sendo dividido em 1955 em distritos de Mundaú em Trairi.

Em 1963 Mundaú é desmembrado de Trairi e se torna um Município, perdendo o posto em 1965, onde voltou a ser um dos dois distritos de Trairi, até que em 1986 o Município de Trairi ganha uma terceira divisão, a de Canaan. Em 2003 Mundaú era um dos seis distritos de Trairi, a sede do Município.

Atualmente, Mundaú é um dos setes distritos de Trairi, no litoral oeste do Ceará, com uma população estimada pelo IBGE, em 2021, foi de dez mil e seiscentos e trinta e sete habitantes.

A cidade de Trairi, na maior parte do ano, possui ventos fortes e a presença do sol constante, podendo haver algumas mudanças a depender da estação e período do ano, aparecendo no início da manhã e escurecendo no início da noite. De acordo com o site online Weather Spark, sua temperatura em geral vai de 24°C nos períodos mais frios, como os chuvosos de março e abril e 31°C nos períodos de verão mais quentes, como em janeiro e dezembro.

Seu clima é típico da região litorânea cearense, tropical, quente e semiárido. Há ventos fortes devido ao mar e aos aerogeradores⁶, que ameniza a sensação térmica e deixa agradável para os moradores.

Mundaú é uma região costeira que possui a Praia de Mundaú (Figura 03), Rio Mundaú (Figura 04), possuindo o encontro entre o rio e o mar⁷; mangue vermelho⁸ e preto siriúba⁹; dunas; tabuleiros costeiros; e mata ciliares em torno do rio mundaú. (Sistema Nacional de Meio Ambiente, 2010).

⁶ Torre de energia eólica.

⁷ Estuário Rio Mundaú.

⁸ *Rhizophora mangle*.

⁹ *Avicennia Shaucriana*.

Figura 03 — Praia Mundaú



Fonte: Autoria Própria

Figura 04 — Rio Mundaú



Fonte: Autoria Própria

Devido as matas e características próprias da região, as vegetações mais comuns da região são: carnaubeiras (próximo a Canaã), cajueiros, trepadeiras, coqueiros e gramíneas, restinga, urgueia marítima, entre outras comuns da região litorânea cearense.

O Estuário Rio Mundaú¹⁰ tem início na planície flúvio-marinha¹¹, com uma vegetação de manguezal. De acordo com o site do Sistema Nacional de Meio Ambiente - SEMACE:

Esse tipo de vegetação é sustentada pela disposição de sedimentos síltico-argilosos, ricos em matéria orgânica, exercendo importante função no equilíbrio ecológico local, em especial na retenção de poluentes e como fonte de alimento, abrigo e reprodução de diversas espécies animais (SEMACE, 2010).

¹⁰ Área do encontro da água doce do rio e a água salgada do oceano.

¹¹ Local onde é aplanado o relevo marinho com resíduos de rochas e matérias biológicas; rico em nutrientes e matérias orgânicas.

O manguezal, região próxima ao Rio Mundaú, é protegido pelo APA (área de proteção ambiental, prevista na legislação brasileira como parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação), sinalizado com placas próximas ao rio (Figura 05), um meio governamental para preservar o mangue, que funciona como abrigo para parte da fauna marinha da região, como espécies de peixes e crustáceos¹² que servem para o consumo próprio e comércio da população.

Figura 05 — Sinalização do Rio Mundaú



Fonte: Autoria Própria

As dunas desta região são com formato de barcanas, parecendo uma meia lua, onde é possível passar pela lateral (entre a duna e o Rio Mundaú) quando o rio está baixo. De acordo com o site da SEMACE (2010), sua altura é entre dez e quinze metros, no qual, do topo dela, se pode ver toda a região do distrito de Mundaú, podendo ser vista a cidade; o mar; o rio; os aerogeradores; o manguezal e as demais vegetações; além do amanhecer e pôr do sol (Figura 06).

¹² Camarão e caranguejo.

Figura 06 — Visão de Mundaú sobre duna

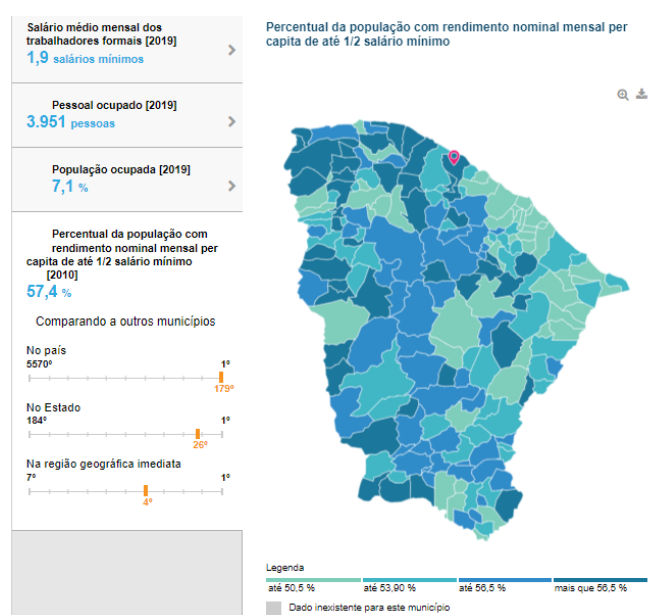


Fonte: Aatoria Própria

3.3.2 A vida cotidiana em Mundaú: características socioeconômicas

Devido a sua localidade, de acordo com o IBGE, sua economia é desenvolvida principalmente pela pesca de peixes e mariscos, tanto do rio como do mar; pelo turismo da área, que de acordo com os moradores, normalmente vem do turismo de Flecheiras; pela venda de artesanatos e produções locais; agropecuária e comércio local. De acordo com o IBGE, em 2019, o salário médio mensal de Trairi era de 1,9 salários mínimos (Figura 07).

Figura 07 — Dados IBGE - Trairi



Fonte: IBGE in <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/trairi/panorama>.

Acesso em 24 de maio de 2022.

Devido a sua localização geográfica e características próprias, a região é pesqueira e marisqueira, sendo comum ver pessoas, na maioria homens, tecendo redes de pesca com linha de nylon e agulha própria para este tipo de atividade (Figura 08).

Figura 08 — Produção matutina de redes de pesca.



Fonte: Autoria Própria

É uma das regiões produtoras da renda de bilro, produzindo peças de roupa com a renda de bilro, ou seja, suas artesãs são artistas das práticas manuais na produção de vestes, responsáveis pela preservação cultural e histórica do trabalho manual desenvolvido pelas esposas dos pescadores cearenses.

Sua produção é familiar e limitada, é uma produção em baixa escala, sendo produzida para ser vendida em outras capitais, como São Paulo e Fortaleza e para o turismo local - que está começando a ser incentivado, ainda a pequenos passos. Entretanto, há controvérsias sobre a ajuda do turismo a preservação da cultura local, Cardoso considera o turismo como uma forma de acabar com culturas e práticas locais em:

O turismo como atividade criadora de novas funções para antigas práticas econômicas tradicionais, estabelecendo novas formas de uso dos espaços locais a partir de uma demanda de consumo estrangeira ao lugar, reorganizou as práticas locais, adaptando os costumes típicos da região ao consumo dos visitantes (CARDOSO, 2010, p. 15).

Sobre as artesãs, no portal do governo do Estado do Ceará eles declaram, sobre o perfil dos artesãos cadastrados no Programa de Desenvolvimento do Artesanato do Estado do Ceará, que o público mais comum são mulheres de trinta e seis a cinquenta e cinco anos, com grau de escolaridade diversos. As

declarantes que possuem ensino médio são 35%, sendo 28% completo e 7% incompleto.

Dos artesãos que informaram ter cursado o ensino fundamental, 22% concluíram o quinto ano¹³ e 12% terminaram o nono ano¹⁴. Os artesãos que se declaram não alfabetizados, representam 18% do total. Entre aqueles que declararam possuir ensino superior, 6% têm curso incompleto, 6% são graduados e 1% é pós-graduado.

Em Mundaú a situação é um pouco mais delicada. O IBGE nos traz dados sobre Trairi que mostra que o município, até 2020, contava com trinta e três escolas de ensino fundamental e somente cinco escolas de ensino médio.

No site do Educa mais Brasil, o distrito mostra como não havendo nenhuma escola, entretanto, em visita da autora deste projeto investigativo, em Mundaú, em 2019, possuía uma escola em funcionamento para o ensino fundamental I, sendo esta particular e outra em construção, com previsão, de acordo com os moradores, para entrega a comunidade em 2020. Hoje, 2022, de acordo com o Google Maps, existem quatro escolas registradas na região.

3.3.3 Renda de bilro: artesanato local

A história da renda de bilro é um pouco incerta, pois existe confusão sobre ela em seus registros, sendo confundida com outros artesanatos e por vezes, dado origens diferentes. Uma fonte dessa origem está no testamento da família Sforza, na Itália de 1493, também há um inventário com uma lista de rendas finas da duquesa de Milão Beatrice d'Este de 1493. Suas possíveis origens são: Itália, França, Espanha, Alemanha, Bélgica e Inglaterra, mas o que se sabe sobre a origem dela no Brasil e uma das possíveis origens dela é citada por Costa quando ele diz:

A renda de bilro é um artesanato que surgiu na Itália do século XVIII e que veio para o Brasil através da colonização portuguesa, quando se firmou nas cidades litorâneas do país e persiste até hoje em poucas comunidades de cultura pesqueira (GENTIL, 2008, p. 02).

¹³ Antiga quarta série.

¹⁴ Antiga oitava série.

As rendeiras de Mundaú nada sabem sobre as rendeiras italianas, porém, quando questionado a elas se elas sabiam quem levou o ofício a região, algumas se arriscaram a dar uma resposta. De acordo com as próprias rendeiras, elas acreditam que o ofício chegou com as portuguesas e ali ficou, passando de geração em geração entre as mulheres da região.

Esse é um ofício comumente encontrado em regiões litorâneas, como foi dito por Costa. É uma atividade que se firmou no Brasil pelas regiões litorâneas e é preservada em algumas regiões pesqueiras até hoje. Ela é conhecida por alguns nomes, como: Renda de Bilros, Renda da Terra e Renda do Ceará. A região onde ela se destaca é o nordeste, sendo encontrada nos nove Estados.

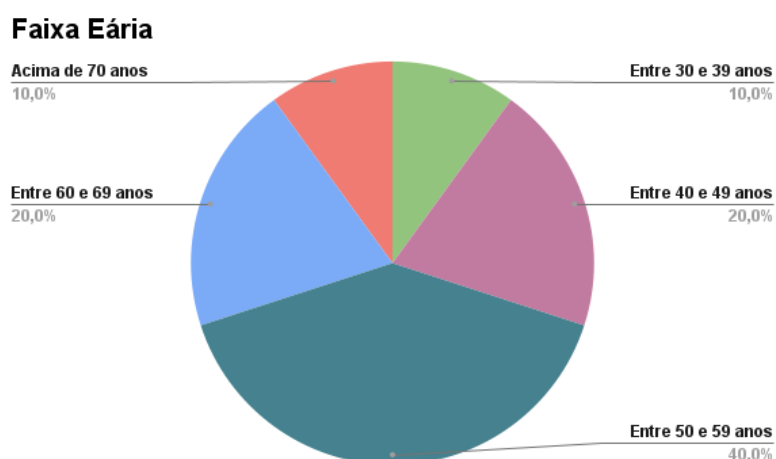
De acordo com Zaluar e Pimentel (2004, p. 04), a renda de bilro pode ser encontrada no Nordeste nos Estados: Ceará, Maranhão, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia - não é citado pelo autor, entretanto, no Morros da Mariana, no Piauí, também pode ser encontrada rendeiras (disponível no homepage da artesol); no sudeste e no sul respectivamente: Rio de Janeiro e Santa Catarina.

4 RESULTADOS DA COLETA DE DADOS

4.1 Resultados do instrumento de coleta de dados: perfil do entrevistado

A pesquisa foi realizada com dez rendeiras, todas do sexo feminino e casadas, sendo uma, a mais idosa, viúva há vinte e cinco anos. A faixa etária delas é superior aos dezoito anos, com idades entre trinta e cinco anos a oitenta e seis anos, sendo o intervalo de idade mais frequente entre cinquenta e cinquenta e nove anos, constituindo 40% delas. Em seguida, 20% das rendeiras tinham entre sessenta e sessenta e nove anos de idade, outros 20% possuíam entre quarenta e quarenta e nove, 10% possuíam de trinta a trinta e nove anos e outros 10% acima de setenta anos (Gráfico 01).

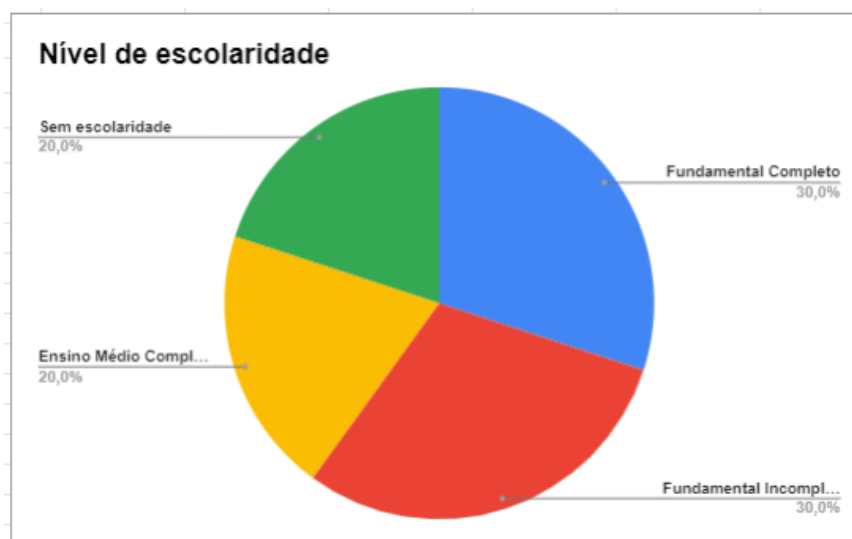
Gráfico 01 — Faixa etária da amostra das rendeiras



Fonte: Aatoria Própria

Referente a nível de escolaridade, 20% declarou que possui nenhum nível de escolaridade e 30% possui o ensino fundamental incompleto, sendo que uma indicou que somente sabia escrever algumas palavras e assinar seu nome, mas sabia ler devagar quando mais nova, entretanto não lia mais devido a sua visão “*não prestar mais pra ler essas coisas com letra miúdas*” (Rendeira J). Das entrevistadas, 30% declarou que concluiu o ensino fundamental. “*Eu fiz até aquela oitava série, sabe?!*” (Rendeira F). E que concluiu o ensino médio foi somente 20% (Gráfico 02).

Gráfico 02 — Nível de escolaridade das bilreiras.

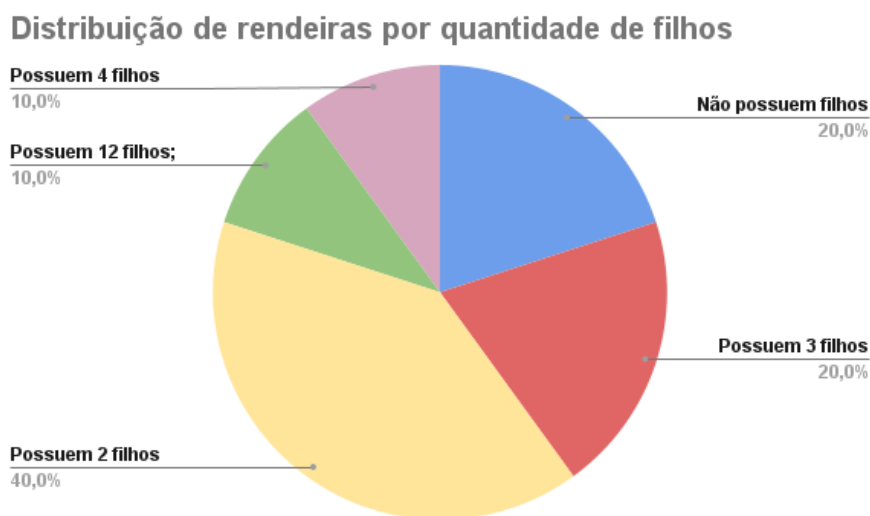


Fonte: Autoria Própria

Também foi observado que as rendeiras mais novas possuem um nível de escolaridade maior. A rendeira de quarenta anos, declarou ter estudado até mesmo para o vestibular. Quando as questionavam sobre interesse em estudar mais sobre a renda de bilro, como fabricar o papelão¹⁵ e modelagens; elas demonstraram muito entusiasmo e vontade, por vezes pedindo dicas e explicações rápidas, principalmente quando se tratava de modelagem, pois estas, indicavam que ocorrem muitos erros de modelagens que dificultam a venda de suas peças, fazendo com que algumas fiquem esperando para ser vendidas por anos. Elas também, das mais novas às mais velhas, demonstraram bastante interesse em aprender sobre noções administrativas.

Como dito anteriormente, todas declaram ser casadas, entretanto, uma declarou ser casada, no entanto seu marido já havia falecido. Entre estas, as duas mais novas, informaram não terem filhos e a rendeira mais velha informou ter doze filhos, sendo um dos filhos, adotado. Em porcentagem, ficou assim, 80% possuem filhos; 20% dos entrevistados não possuem filhos; 20% possuem três filhos; 10% possui quatro filhos; outros 10% possui doze filhos; e como maioria, 40% declaram possuir dois filhos (Gráfico 03).

¹⁵ Cartão com o molde dos desenhos da renda.

Gráfico 03 — Distribuição de *rendeiras* por quantidade de filhos.

Fonte: Autoria Própria

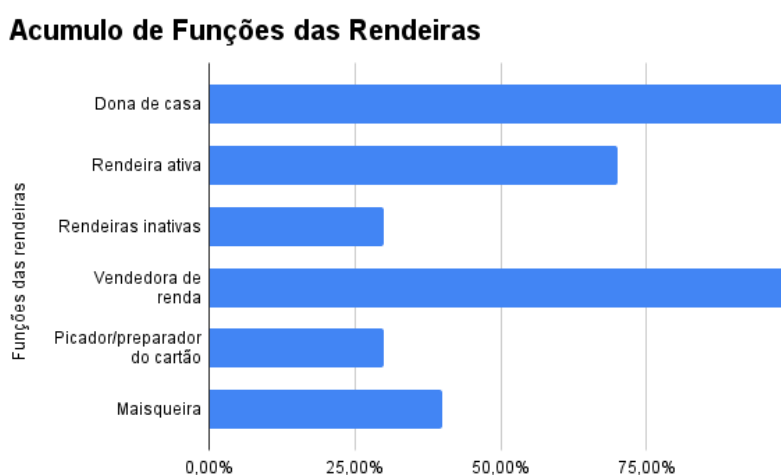
Foi verificado, conforme as entrevistas, que algumas filhas das *rendeiras* também eram *rendeiras* ou pelo menos sabiam como fazer rendas, entretanto, nenhuma das *rendeiras* possuíam filhos que soubessem fazer o ofício. Algumas *rendeiras* declararam que seus filhos homens sabiam fazer rede de pesca, outros que ajudavam suas mães a coletarem os espinhos de carnaúba, palha de bananeira e produzirem seus materiais de trabalho, como a almofada ou apoio da almofada.

Todas as participantes declaram ser donas de casa e possuírem acúmulo de funções, desde serem donas de casa, *rendeiras*, vendedoras e algumas até marisqueiras. Sendo dispostas da seguinte maneira: 100% declaram serem donas de casa; 30% fazem o design e preparam os cartões; 20% não faziam mais renda de bilro frequentemente, somente em casos extraordinários devido, a problemas de saúde como visão e coluna, tendo até mesmo já realizado cirurgias devido a estes problemas de saúde; e 10% não faz mais de forma alguma devido, também, a problemas de saúde, principalmente visão e coluna.

Todas declaram venderem suas próprias peças, até mesmo as que não produziam mais, vendem os seus estoques, do tempo que faziam suas próprias rendas.

Elas também vendem peças de amigas. Algumas vendem as rendas que foram utilizadas por outras rendeiras como moeda de troca em dívidas; ou peças antigas que não foram vendidas pelas colegas; ou que compraram para revender; ou vendem para outras venderem suas peças. Outra função é a de marisqueira¹⁶, na qual 40% delas trabalham (Gráfico 04).

Gráfico 04 — Acúmulo de funções das rendeiras.



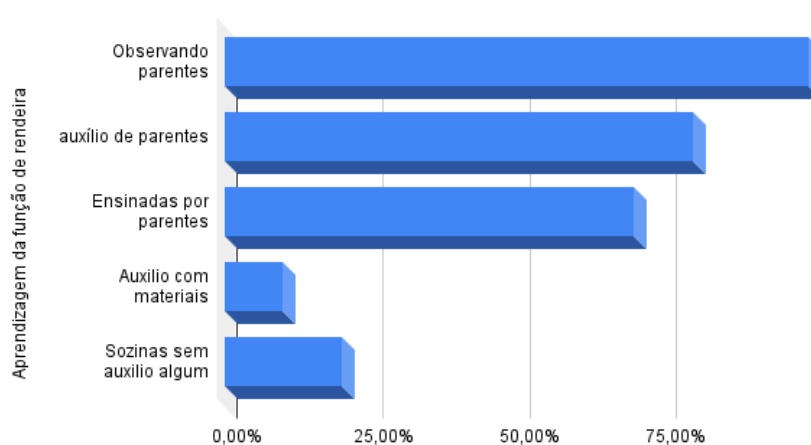
Fonte: Autoria Própria

As rendeiras relatam ter aprendido a função observando suas mães fazendo renda, tendo algumas sido ensinadas por suas mães, outras, aprendido sozinhas, ou seja, sem o auxílio de suas mães, outras tinham o auxílio de suas mães por meio dos materiais, mas em sumo aprenderam somente observando suas mães. Ficando assim dispostas, 100% possuíam parentes próximos, em geral, suas mães, que faziam renda e estas podiam observá-las fazendo. A rendeira B declarou: *"aí, eu ficava só olhando a mãe fazer por horas"*.

Em suas primeiras rendas, 80% possuíam algum tipo de ajuda de suas mães, sendo 70% ensinadas pelas mães e 10% somente tendo o auxílio dos materiais; e 20% relatam ter aprendido sozinhas, sem auxílio de materiais (Gráfico 05).

¹⁶ Fazem coleta de mariscos, com baixo impacto ambiental e por vezes podem ser chamadas de pescadoras artesanais.

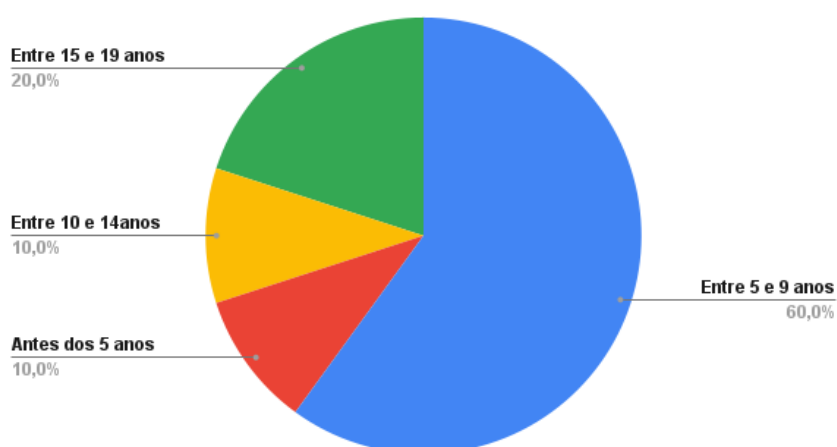
Gráfico 05 — Aprendizagem da função de rendeira.

Aprendizagem da função de rendeira

Fonte: Autoria Própria

Referente às idades nas quais as rendeiras aprenderam o ofício, muitas não lembram uma idade exata, pois eram muito novas, entretanto, informaram uma idade média na qual acreditam ter começado a fazer renda. A maioria indicaram ter aprendido a fazer renda entre cinco e nove anos, correspondendo a 60% das entrevistadas; 10% informou que começou a aprender antes dos cinco anos de idade; outros 10% afirmaram ter aprendido com dez anos; e 20% declarou ter aprendido entre quinze e dezenove anos (Gráfico 06).

Gráfico 06 — Idade de aprendizagem da função de rendeira.

Idade de aprendizagem da função de rendeira.

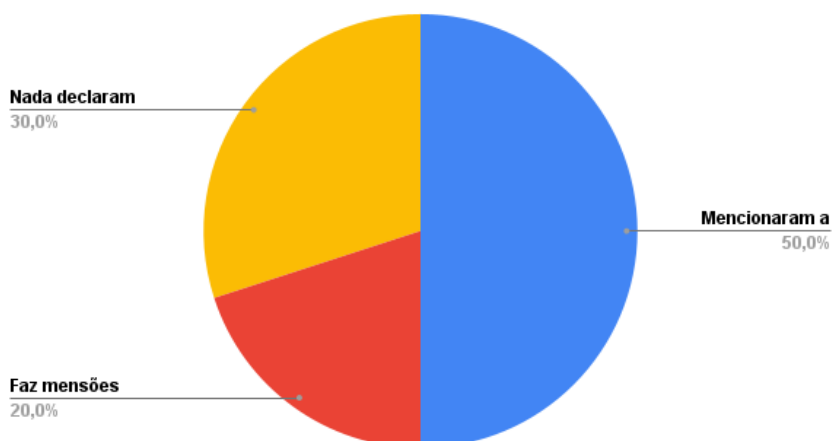
Fonte: Autoria Própria

Ao serem questionadas sobre quando aprenderam a fazer renda de bilro, 50% mencionaram que no início, ao aprenderem, elas faziam *"florzinha de calango"*. Foi explicado por elas, como um tipo de renda de bilro com linhas mais finas do que as que elas usam hoje e *"antigamente"* elas faziam esse tipo de renda - antes das linhas Cléa e Clara serem conhecidas por elas.

A florzinha de calango possuía pontos mais fechados, só que faziam as peças demorarem muito tempo para ficarem prontas. Elas indicaram que normalmente faziam tiras finas (indicadas com as mãos pelas mesmas em medida média de 3 cm a 5 cm) para *"fazer barras"* (bico de saia, vestidos, lençóis, toalhas), vendidas a metro. sobre suas primeiras peças, 30% nada declarou; e 20% fazem menções características da *"florzinha de calango"*, mas não cita o seu nome (Gráfico 07).

Gráfico 7 — Primeiras rendas: *florzinha* de calango.

Primeiras rendas: frosinha de calango



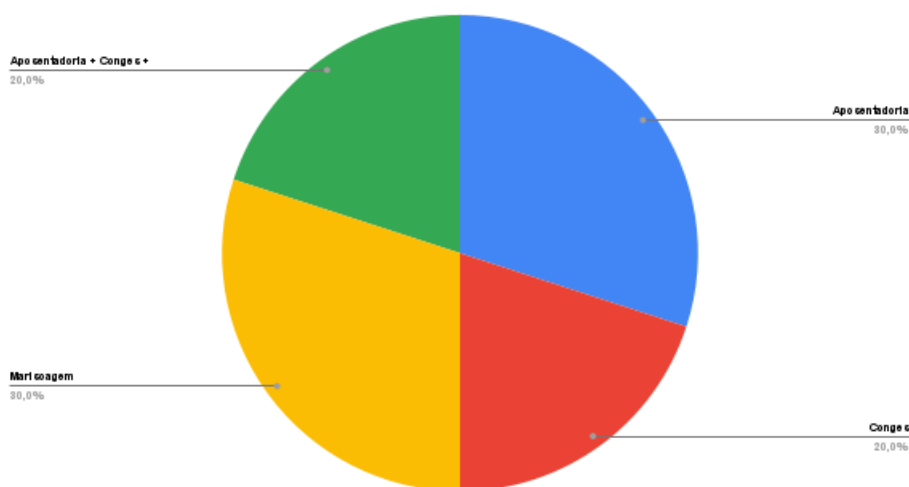
Fonte: Autoria Própria

Não, a gente demorava uma vida para fazer porque a linha era bem fininha e os pontos também [...] Deus me livre fazer de novo, não tenho mais paciência pra isso não (Rendeira G).

Todas as rendeiras informaram que a renda de bilro não é sua única fonte de renda e nem mesmo a principal fonte; seus cônjuges são o principal responsável pela fonte de renda familiar com trabalhos relacionados a pesca, direção de lotação e aposentadoria, já no caso delas, é a aposentadoria ou marisco suas principais fontes de renda pessoal (Gráfico 08).

Gráfico 08 — Fontes de renda familiar das rendeiras de Mundaú.

Fontes de renda



Fonte: Autoria Própria

A venda de artesanato é uma pequena parcela da renda familiar delas. Ela varia muito a depender da época do ano, sendo em julho e dezembro os principais meses de venda, pois são os períodos com mais turistas na cidade. As rendeiras também alegam que os clientes da região do norte do país são as melhores, pois eles aceitam os valores dados e não desvalorizam os seus trabalhos.

A desvalorização monetária do trabalho delas foi uma reclamação frequente entre elas e um grande atenuante para a desmotivação da produção.

Você viu né, eles chegam aqui e querem as peças de graça. [...] Esse vestido aí tá sendo vendido por R\$300,00, eu levei uns três meses ou foi dois para fazer e uma vez uma mulher quis me comprar por R\$100,00, aí tá ele, tem quase um ano e ninguém quer pagar (Rendeira B).

Elas relatam receber entre nenhum valor nos piores meses, e normalmente recebem entre duzentos e quatrocentos reais ‘apurados’ por mês, e nos melhores meses entre quinhentos e seiscentos reais. Apenas uma das rendeiras relatou receber até mil reais nos melhores meses de vendas. Entretanto, todas não tinham muita noção dos seus lucros por peça, pois não sabem calcular direito os seus custos com materiais ou tempo gasto nas produções.

Todas relatam que, quando faziam renda, elas produziam quando tinham um tempinho, diariamente, havia dias que produziam menos e outros “dependendo do

que tá passando na televisão [...] a gente desembesta a fazer e não para mais.” (Rendeira B).

As mais novas relatam produzir por mais de seis horas por dia e às mais velhas por menos de quatro horas por dia, chegando a produzir somente por duas horas, uma ou meia hora por dia; outras, deixaram de produzir depois de doenças que atrapalham no ofício, como cirurgias que as impedem de ficar sentadas com uma postura ruim por muitas horas e principalmente devido à visão.

As dores oculares são uma grande reclamação destas, suas vistas cansam muito na produção das peças, principalmente as coloridas, a depender dos tons escolhidos podem doer mais ou menos os seus olhos, a cor preta também foi um grande eleito entre às cores que mais cansam a visão, algo que as impedem de produzir por longos períodos de tempo como desejado.

4.2 Resultados do instrumento de coleta de dados: Produção

Agora que já fomos inseridos no perfil das guardiãs da renda de bilro cearense, iremos conhecer sobre as suas produções, como é o seu processo desde o momento em que elas começam a idealizar suas peças, até o momento da venda destas. Portanto, iremos apresentar o seu processo, incluindo as suas principais adversidades na produção, trazer uma análise dos métodos de produção, o planejamento da peça, execução, materiais, estocamento, venda e lucros das produções.

4.2.1 Organização cooperativa

Para começarmos a entender sobre as suas produções, precisamos entender como as rendeiras de Mundaú se organizam, para assim entendermos os seus processos produtivos e etapas de pré-produção, produção, pós-produção e venda.

Para entendermos como funciona a organização das rendeiras de Mundaú, tentamos descobrir se elas possuíam algum tipo de grupo organizacional entre elas que se ajudem, como uma cooperativa.

Cooperativa é definida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2021), em sua homepage, como: “organização constituída por membros de determinado grupo econômico ou social que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade”. Ou seja, uma cooperativa tem como objetivo de todos que estão inseridos neste grupo se ajudarem para que cresçam juntos.

Neste caso, para que as rendeiras da região se ajudassem a melhorar suas condições financeiras; aumentar as vendas e diminuir os custos de produção, comprando os insumos em grande quantidade para o grupo e assim conseguindo desconto. Os benefícios ficam mais expostos na citação de Gentil (2008, p. 02) em:

A Vila de Ponta Negra é uma dessas comunidades que sofreu certo declínio da produção por falta de rentabilidade e queda da demanda, mas tornou a ter visibilidade e despertar novas interessadas após a fundação de uma associação informal de rendeiras de bilro denominada Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra. Neste local as rendeiras que antes trabalhavam individualmente em suas casas à espera de encomendas passaram a dividir um espaço exercendo suas atividades juntas e de forma cooperada, com regras próprias e com repercussões para o seu trabalho (GENTIL, 2008, p. 02).

Quando questionado sobre as rendeiras da comunidade possuem algum tipo de cooperativa, a qual elas se ajudassem a produzir e vender os seus artesanatos, tivemos como resposta unânime de não haver cooperativas atualmente, mas, no entanto, tentaram ter uma anteriormente, entretanto “*não dá certo não [...] umas queriam ser melhor que às outras*” (Rendeira C).

Foi observado que elas possuíam receio em se organizarem em cooperativas, pois, quando tentaram, houveram muitos conflitos entre elas, apesar disso, elas demonstram entender os benefícios de uma cooperativa, mas não acreditam que conseguem se organizar em harmonia em uma.

Contudo, também foi verificado pelos entrevistadores, que apesar delas não possuírem uma cooperativa formalizada, que as rendeiras se identificam como inseridas nelas, elas possuem uma espécie de cooperativa informal entre elas.

Elas conhecem umas as outras; sabem o que cada uma faz e tem em seu estoque; as habilidades umas das outras e demonstravam ter auxílio de terceiras em suas produções.

Foi visto também que umas ajudavam as outras de acordo com suas proximidades e amizades, assim ajudavam na produção de peças sob encomenda

que demoraria muito tempo para que uma única rendeira fizesse; e com a venda das peças que estão encalhadas no estoque das outras.

Para ilustrarmos isto podemos usar como exemplo o vestido, apelidado pelos entrevistadores, como *o vestido goiaba*. Este é um vestido que encontramos à venda por uma das rendeiras no seu quiosque. Em entrevista com a rendeira, nos foi apresentado um vestido muito longo, na cor goiaba, e nos foi dito que este vestido havia sido feito sob encomenda para uma mulher muito alta que iria para um casamento; não foi pago nenhum valor inicial, só foi informado o prazo em que a mulher iria precisar do vestido, que seria de três meses.

Para que o vestido fosse feito em três meses, outras (não foi informado quantas) rendeiras, de Canaã, precisaram ajudar na produção. Mesmo assim, o vestido era muito longo, com mangas longas e demorou cinco meses para ser concluído. A pessoa que o encomendou nunca foi buscar e nenhuma das rendeiras receberam pelo trabalho, pois até o momento da pesquisa, o vestido ainda estava à venda, três anos depois de ser concluído.

Este vestido sempre é levado nas feiras das artesãs (não só pela dona do quiosque, que recebeu a encomenda, como, por suas amigas rendeiras) para ser vendido, entretanto o vestido é muito grande e não pode ser diminuído e os clientes acham o valor dele (trezentos reais) muito caro.

Neste mesmo quiosque, também foi encontrado uma calça de bilro branco, que foi feita por outras rendeiras da região. Devido a erro de modelagem¹⁷, a peça estava encalhada, com a rendeira que a fez por muitos meses. Para tentar vender esta peça, foi levada para o quiosque, pois tem mais visibilidade, para ser vendida.

Em diálogos com as rendeiras encontramos vários outros casos, como compra de matérias juntas; vendas de peças em parceria umas com as outras; parcerias em produções. Mas a fim de ilustrar, com estes dois exemplos dados podemos observar que as rendeiras se comunicam e se ajudam quando necessário, porém elas não possuem uma célula organizadora unindo todas elas em uma cooperativa, apesar disso, elas se ajudam, principalmente no âmbito familiar, no qual é comum que elas trabalhem juntas e nas suas relações de amizades.

¹⁷ As costas foram feitas com o gancho com medida igual ao da frente e não foi acrescentado medidas no centro costas para acomodar as curvas do corpo de quem o for usar.

Foi observado que elas tentam fazer o máximo possível do processo sozinhas sem o auxílio de terceiros. Mas, em geral, existem etapas do processo em que elas não conseguem realizar sozinhas, como a produção das almofadas, a obtenção dos espinhos e a fabricação do cartão. Portanto, existem etapas que elas delegam a parente ou amigos como favores ou troca de favores, e outras vezes que elas já possuem os seus fornecedores que elas pagam pelos serviços.

4.2.2 Processo criativo

O processo criativo das rendeiras são bem semelhantes umas das outras. Elas, mesmo que inconscientemente, utilizam etapas no seu processo criativo de Barreto, em outras palavras: preparação, incubação, iluminação e verificação.

A primeira etapa do processo criativo, de acordo com Barreto (2004, p. 149), é a preparação. Esta é a etapa a qual você se depara com problema, e vai em busca de informações acerca disso, em busca de soluções. Barreto diz que nessa fase se “Lê, anota, discute, coleciona, consulta, rabisca, cultiva sua concentração no assunto” (BARRETO, 2004, p. 149).

Para as rendeiras, muitas vezes o problema delas é a saturação dos padrões que elas usam nas suas peças ou o descontentamento das mesmas por querer fazer coisas diferentes e novas que elas pouco exploraram, como tentar adicionar mais cores aos seus trabalhos, tentar desenvolver um modelo de roupa diferente. Entretanto, falta conhecimento técnico em modelagem e nem todas sabem fazer o pique.

Para resolver suas inquietações, todas indicaram que vão em busca de referências principalmente na natureza e coisas do cotidiano. Também nos foi dito pelas rendeiras mais novas que elas buscavam na internet trabalhos de outras rendeiras; técnicas diferentes das delas; peças que elas podem adaptar para por na renda.

A segunda etapa, a incubação, é a etapa na qual o indivíduo se abstrai do problema e segue sua rotina normalmente. Vai a praça, a praia, cuida da casa e dessa maneira “O inconsciente, desimpedido pelo intelecto, começa a elaborar as inesperadas conexões que constituem a essência da criação” (BARRETO, 2004. p. 151).

Esta é a etapa em que, depois delas observarem as suas inspirações, elas se abstraem do seu objeto de estudo, e seus subconscientes trabalham para encontrar uma solução.

Como foi visto anteriormente, todas possuem acúmulos de atividades, sendo unânime os cuidados com a casa. Assim, nesta etapa, elas vão cuidar de suas casas e filhos, até que então, chegue a noite, quando elas podem voltar a pensar sobre o problema e ter sua mente atingida por um turbilhão de pequenas ideias não desenvolvidas, trazendo assim a solução, para ser idealizada e planejada, ser analisada as possibilidades, deste modo é a iluminação, um estalo de ideia sem aviso prévio.

“Ah, eu fico três noites matutando com aquilo para poder fazer a cartolina e eu vou fazendo assim, faço esses desenhos assim ‘oh’, fico testando e faço” (Rendeira F).

A iluminação é o momento no qual o indivíduo, no caso, as rendeiras, depois de descansar e abstrair do problema, sua mente trabalha no subconsciente atrás de uma solução, finalmente tem a ideia e assim o planejamento volta a ser consciente e ela pode fazer rápidas análises para aprovar ou não a ideia e assim se inicia-se a última etapa, a verificação, definida por Barreto (2004. p. 155), como:

Após identificar-se, ou mesmo sentir-se ofuscado por sua obra, sua idéia, o criador agora recua e imagina as reações daqueles com quem intenta comunicar-se (BARRETO, 2004. p. 155).

A etapa da verificação consiste no processo de fazer análises da solução encontrada no momento da iluminação. Se a solução é viável; se é prática; o que é necessário para a concretizar; quanto tempo leva; se ela está dentro do que a rendeira precisa; se ela irá precisar de ajuda ou não para fazer o que deseja; as melhores cores para usar de fio naquela peça; fazer testes e tentativas, e caso necessário, retroceder as etapas para encontrar uma nova solução mais viável.

4.2.3 Escolha e compra da matéria prima

A escolha dos materiais normalmente é feita de acordo com as suas experiências anteriores, depois delas encontrarem os melhores materiais para elas, elas mantêm sempre os mesmos em suas produções, normalmente, sendo os que

foram apresentados a elas por suas mães ou quem as ensinou, havendo poucas alterações entre uma rendeira e outra. Os principais materiais são: almofada, caixote, bilro, cartolina, linha e espinhos.

A almofada é um material crucial para a produção da renda. Ela é a responsável por apoiar a cartolina e segurar os espinhos e renda, sem ela não seria possível fazer a renda.

Existem diferentes tipos de almofadas de renda de bilro pelo país, tem a almofada de cavalete, esta é plana, feita de madeira é acolchoada e fica em pé com auxílio de dois pés de madeira (ZALUAR, 2004, p. 07), tem a almofada de conservatória citada em às guardiãs da renda e é definida da seguinte forma:

Trata-se de uma almofada muito original. É uma caixa de madeira acolchoada e forrada, fechada por uma tampa na frente. Na parte superior se encaixa um cilindro onde é preso o pique (ZALUAR, 2004, p. 09).

A mais utilizada pelas rendeiras de Mundaú é a cilíndrica (Figura 09). Seu formato é cilíndrico e suas medidas podem variar de acordo com o gosto de cada rendeira, pois estas almofadas são feitas pelas mesmas com ajuda de seus companheiros e filhos, adaptadas as principais peças produzidas por elas. As rendeiras possuíam almofadas em média de 50 cm, possuindo, algumas, almofadas um pouco maiores (60 cm) e outras um pouco menores (40 cm).

Figura 09 — Almofada



Fonte: Autoria Própria

Dentro das almofadas possui palha seca, em geral, palha de bananeira. Essa palha é buscada "*lá nas bananeiras*" quando estão totalmente secas no chão da mata, é retirado o caule da palha e quebrada.

Para armazenar a palha, elas fazem um rolo com tecidos a sua disposição, como lençóis, ou roupas velhas; é um processo artesanal, então elas cortam um retalho retangular - se necessário elas fazem emendas costurando a mão. Com o retalho, elas costuram as laterais do tecido as unindo. É feita a costura de acabamento da barra pespontando-a e pesponta a parte debaixo do cilindro, puxando a linha no final deixando o tecido franzido e fechando uma das pontas, como pode ser observado na figura acima (Figura 09).

Após fechar uma das pontas, põe um pedaço de papelão no fundo do saco de pano e então é colocada a palha, esse processo, normalmente, é feito por algum homem, pois exige muita força para empurrar a palha e deixar a almofada cheia e a palha distribuída igualmente em toda a almofada. Após isto é colocado um outro pedaço de papelão em cima da palha e pespontada a outra ponta do cilindro a fechando da mesma forma da outra ponta.

O caixote (Figura 10) é o que mais se difere entre cada rendeira, pois ele é escolhido de acordo com o tamanho da almofada e do que está à disposição. Normalmente, esses caixotes são ganhados por elas de outras pessoas que possuíam caixotes de feira ou de sapato.

Figura 10 — Caixote



Fonte: Aatoria Própria

A função do caixote é apoiar a almofada, impedindo de se mover enquanto a renda é feita. Alguns dos caixotes também servem para armazenar os bilros, fios, espinhos, caderninho de anotações e o que a rendeira precisar que esteja a palma da mão para fazer a sua renda.

No geral o caixote é de madeira e pode ser caixote de feira, de MDF, compensado, ou qualquer outro material que cumpra a função. No caixote pode ser adicionado pernas para deixá-lo na altura ideal para a bilreira fazer a renda sentada em uma cadeira, banco ou sofá.

Já os bilros da região são feitos de madeira, algumas das rendeiras produzem os seus próprios bilros e outras compram devido ao trabalho de furar os bilros. Na ponta os bilros normalmente são feitos de coquinhos de carnaubeira ou da tucumzeira, que são encontrados na mata local; os bastões são de madeira roliças, que são encaixados no furo feito no coquinho e colado para garantir sua durabilidade, muitas vezes, também, é envernizado. Seu formato lembra ao de um pirulito, como podemos ver na figura 10.

Sua função é enrolar a linha da renda no bastão do bilro, os deixando suspensos durante a produção, assim, criando peso nas linhas e as mantendo esticadas, facilitando o processo de trançar os fios e evitar nós indesejados. Vale salientar que os bilros sempre são usados em pares.

A cartolina, é o molde da renda, ela também pode ser chamada de piquê, papelão ou cartão. É feito de papel, em geral, com um papel de alta gramatura, como a cartolina americana, papel paraná. Quando os moldes são retirados de imagens da internet, são impressas em papel sulfite, podendo ou não receber novas camadas de papel, dependendo do desejo da rendeira daquele pique durar ou não.

Algumas vezes, quando a rendeira acha que o molde está fino e quer dá uma encorpada, ela cola calendários de mercados, aumento a gramatura do molde, e prolongando a sua durabilidade, algo muito importante para elas, já que não são todas as rendeiras que sabem fazer pique.

A cartolina (como é chamada pelas bilreiras de Mundaú) tem uma grande importância para a renda, é com ela que as rendeiras se guiam para fazer os desenhos e formas da renda (Figura 11).

Figura 11 — Cartolina



Fonte: Autoria Própria

. Ela é como uma modelagem, pois é feito o molde de um quarto da peça que elas desejam fazer e é dentro desta molde que elas fazem o planejamento dos piques, que devem estar localizados corretamente para fazer o desenho da renda. Poucas rendeiras possuem a habilidade de fazer piques, somente rendeiras experientes e que ou possuíram uma professora que a ensinou a fazer ou são autodidatas, com muito esforço, aprenderam a fazer.

Foi localizada três rendeiras que tinham conhecimentos para fazer o cartão, sendo duas delas irmãs, portanto, para as outras rendeiras produzirem novos moldes elas precisam encomendar ou com uma das três rendeiras da cidade ou com alguma rendeira de Canaã (Canaã foi muito citado pelas rendeiras como um lugar com fornecedores tanto de materiais, como fios e espinhos, quanto de rendeiras habilidosas e pontos de vendas).

Devido a isso as rendeiras tem muito cuidado com os seus moldes, elas nunca os dão, algumas que produzem os vendem, entretanto às outras, somente emprestam para pessoas próximas delas e de muita confiança, pois elas tem o papelão como um tesouro que elas cuidam para tê-los por muitos anos. Quando o papel do molde está velho, as rendeiras habilidosas repassam os piques para outro papel pondo uns sobre os outros e replicando os furos.

As linhas são um material crucial para a renda e as barreiras são bem rígidas com qualquer mudança nas linhas. Todas as rendeiras afirmam somente

fazer bilro com as linhas mercerizadas 100% algodão, como a Janete, Pinguim, Anne e suas preferidas a Clara e a Cléa nas espessuras para agulha de crochê 1,25mm. Elas usam cores diversas, mas antes elas só usavam uma única cor, sendo a mais utilizada branca, entretanto com o tempo, elas foram aprendendo a misturar as cores e fazerem roupas com várias cores de fios.

Os espinhos são de mandacaru ou alfinete, sua função para a produção da renda de bilro é segurar os fios e a cartolina sobre a almofada, é com o auxílio dos espinhos que é possível fazer os desenhos e formas da renda. Os espinhos são espetados no pique (cartolina) auxiliando às rendeiras conduzir o fio com o bilro sem que o fio fique solto e saia do lugar, dando assim forma a renda.

A maioria delas compram ou vão buscar na natureza espinhos para fazer suas rendas. Ao serem questionadas sobre elas não usarem alfinetes, elas reclamaram que eles enferrujam, a espessura e o tamanho.

O espinho é frágil, e quebram facilmente se não bem armazenados. Quando comprados, de acordo com as rendeiras, uma mulher passa oferecendo um *punhado* (cerca de trinta espinhos) por quatro reais (R\$4,00), e devido a fragilidade deles, elas sempre que precisam comprar para repor os que quebraram.

Foi observado que algumas estão bem interessadas em testar e produzir materiais novos e modernizados. A Rendeira B declarou que já fez vários testes usando agulhas com outros materiais, mas nenhum era tão bom quanto os espinhos.

A mesma rendeira nos informou dos esforços de outras rendeiras, de Canaã, em desenvolver novos “*alfinetes*”. Está, desenvolveu um alfinete que promete não enferrujar e ele tem a grossura e tamanho ideal para atividade, é semelhante a uma agulha grossa, mas sua ponta é emborcada para o lado, assim, impedindo que o alfinete entre até o final da almofada e se perca, mas esse é um produto que essa rendeira em específico produz com a ajuda de seu marido e vende sob encomenda para outras rendeiras, entretanto o preço é mais elevado do que o dos espinhos (a rendeira informou ainda não saber o valor, pois a outra rendeira iria lhe dizer quando a encomenda dela ficasse pronta).

4.2.4 Produção da renda

A renda de bilro é confeccionada por cruzamento e entrançados sucessivos entre os fios, sempre em pares e podem possuir somente uma cor ou várias cores; feitos sobre uma cartolina, de um quarto da peça que elas desejam fazer, depois de feito todas as partes das peças, são unidas pela mesma linha da renda. Para o auxílio da formação desses desenhos, é utilizado os espinhos que são espetados no furo e auxilia no trançado dos fios com bilro.

Em entrevista, todas declararam que as principais peças, ou seja, as peças que mais produzem e vendem são peças de roupa e tiara (Figura 12), sendo as peças de roupas mais citadas: blusa, top, vestido, colete, short, saída de banho e calça.

Figura 12 — Tiara



Fonte: Autoria Própria

Devido às principais peças feitas serem roupas, o pique que as rendeiras utilizam é feito dentro de uma molde da peça a ser confeccionada, que as responsáveis por fazer os piques, mesmo desenvolvem. Entretanto, muitas delas apresentaram descontentamento com as modelagens, demonstrando interesse em aprender a fazê-las de forma técnica, assim, evitando vários erros comuns nos moldes e poderem desenvolver modelos diferentes e mais elaborados.

Referente ao tempo gasto para a produção de cada peça, depende da peça; do tamanho, do tipo de peça, do tempo da rendeira e da programação da televisão, ou seja, “do que tá passando na TV” (Rendeira B).

De acordo com elas, dependendo da programação, elas podem ficar empolgadas e fazer por horas sem sentir cansaço ou dores na coluna. Contudo, dependendo da cor da peça, como peças pretas ou com cores fortes e saturadas, suas vistas cansam muito e a produção acaba sendo mais lenta e com um espaçamento menor entre uma pausa e outra.

Outro variante é a saúde e idade das rendeiras, pois, elas declaram que quando mais novas, os seus corpos aguentavam ficar mais horas sentadas em frente a almofada fazendo a renda e olhando para a peça. Muitas delas, reclamam que devido ao ofício da renda, tem dores na coluna, de cabeça, olhos e pulso; sendo observado que as três rendeiras que não produzem mais renda, possuem mais idade e pararam devido a esses problemas de saúde, tendo algumas até necessitado fazer cirurgia.

Também foi observado que as rendeiras da região produzem rendas bem coloridas, sendo frequente, algumas delas possuírem mais de uma cor (figura 12), e em alguns casos, essas cores não combinam entre si, pois não é feito um estudo de colorações e combinação dessas cores efetivas.

A rendeira B e C, as duas rendeiras mais novas, declararam que as rendas com mais de uma cor surgiu quando elas já faziam renda, e foi necessário vários testes e tentativas até elas, as rendeiras da região, desenvolverem a técnica de misturar cores, o que nos faz acreditar ser uma técnica relativamente nova na região, pois a rendeira C, a mais nova a declarar tal fato possui 39 anos.

Supracitado, a natureza é uma grande fonte de inspiração para as rendeiras, logo, o padrão comum de ser visto nas suas rendas são diferentes tipos de desenho de flores nas peças à venda pelas rendeiras. Já o ponto que elas utilizam depende do pique, pois é ele quem rege a renda, porém, foi declarado por elas que existem diversos tipos de pontos, tantos que elas não conseguem lembrar a quantidade.

4.2.5 Precificação do produto e venda

A precificação dos produtos é muito complicada, pois elas não possuem muita noção do tempo gasto na produção de uma peça, ou valor da quantidade de

matéria prima utilizada em cada peça, nem o valor da sua hora de trabalho. Os seus conhecimentos administrativos são de vivência.

O preço do produto delas depende do valor que elas acreditam ter gasto com às linhas e com o tempo gasto, porém devido a sua produção ser feita em casa - entre a sua rotina e vontade de produzir, elas desvalorizam este tempo, inconscientemente, acreditando não ter gasto tanto desse tempo (dias, semanas ou meses) realmente rendando.

Não há um cálculo prévio, nem após a peça feita para identificar quantos metros foram gastos de linha para fazer uma peça, ou, quantas, da mesma peça, elas conseguem produzir com um novelo. Elas também não sabem quanto tempo exato gastam para fazer uma peça. Quando perguntado, quanto tempo ela leva para fazer uma peça (uma específica entre as peças que estavam à venda em suas lojas), todas as rendeiras sempre informaram não saber, mas que deve ter sido em "*tantas*" semanas e que não sabiam exatamente, pois faziam todo dia um pouquinho.

Outro ponto é que elas não demonstram entender quais são os insumos delas para realizar uma produção, em razão delas não adicionam no cálculo, gastos indiretos, como a compra e manutenção dos materiais. Elas não consideram como insumos¹⁸ os materiais: almofada, caixote, bilro, cartolina, espinhos, luz, hora de trabalho real.

Existiu um gasto inicial na produção e compra destes materiais; existe um gasto periódico com a reposição destes; existe um gasto indireto de recursos da casa, como a luz e existe a necessidade de algum tipo de salário ou recompensa pela hora de trabalho delas produzindo aquela peça.

A cobrança dessa hora de trabalho serviria como incentivo para a produção das rendas e atrairia mais mulheres jovens a aprender a render. Porém, quando perguntado a elas sobre os insumos elas pontuam como insumo somente às linhas.

Todos os cálculos são feitos por cima, em média, com os valores que elas acreditam ser, mais, comparando os valores umas das outras (valores da concorrência), mantendo sempre a mesma média de preços e o valor que os clientes desejam pagar. Ou seja, elas não possuem muito controle dos gastos e nem de

¹⁸ Elementos utilizados na produção de mercadoria - renda ou serviço.

lucro com as vendas e quando questionados, elas confirmam não ter muito controle sobre esses valores.

Suas vendas ocorrem em feiras, como a feira do point de Mundaú, que ocorre aos domingos; em lojas próprias, que normalmente ficam em suas próprias casas ou no point de Mundaú; ou são vendidas por terceiros, perdendo uma parte do valor da venda.

São amigas, colegas ou parceiros que poem a venda às peças em suas próprias lojas, sendo em Mundaú, em outro distrito de Trairi ou em Fortaleza, bancas de feira e esporadicamente pela internet em busca de desencilhar o estoque da outra; também foi localizada uma rendeira com uma loja online, que vende pela internet, todavia, ela foi localizada no instagram, porém não participou da pesquisa de campo.

Existe, também, o comércio com os atravessadores, turistas que compram algumas peças para vender em suas cidades. Normalmente, suas vendas são feitas para o cliente final, porém, às vezes, algumas fazem vendas para revendedores, sejam estas locais ou que irão levar as peças para serem vendidas a preços mais caros em outros lugares, como nas capitais, sem ligação com elas.

Foi localizada duas das rendeiras que possuíam lojas e que compram e vendem roupas de renda de bilro informaram que, às vezes, mandam peças suas para serem vendidas em Fortaleza por preços um pouco mais elevados e para isso contam com ajuda dos filhos.

Porém, estas duas lojistas e bilreiras nos fazem pensar sobre o processo delas. Uma ainda fazia renda, a outra havia parado devido a problemas de saúde; suas peças de renda de bilro possuíam a mesma média de preços das outras rendeiras, porém, essas, vendiam majoritariamente peças produzidas por terceiros, mesmo que o seu 'lucro' seja menor que o das outras, provavelmente, estas, compram as peças das outras rendeiras por um valor ainda mais baixo do que está sendo vendido e o 'lucro' das que vendem o seu trabalho para ser revendido é ainda mais baixo do que o das rendeiras que tentam vender para o cliente final.

Uma reclamação frequente das bilreiras, é a desvalorização do seu trabalho, pois, mesmo quando vendem para o cliente final, sempre há a tentativa, que várias vezes, tem sucesso, de barateamento das peças, havendo propostas, na qual lhe em que é oferecido um valor de 40% do valor original da peça a venda.

A desvalorização monetária é tanta que para elucidar trarei um exemplo que mostra o quão baixo é o valor que elas cobram por seu serviço, mesmo sem conceder descontos ao cliente, em comparação aos valores de insumos.

Para exemplificar a desvalorização monetária, trarei o caso de uma rendeira. Em sua entrevista foi perguntado inicialmente se ela sabia a sua hora de trabalho, como todas as outras rendeiras, ela respondeu não saber; quando questionado a média de custo na produção da peça mais vendida por ela, ela não soube responder e informou que dependia muito da peça, então foi perguntado sobre qualquer peça específica a venda ali e ela escolheu um short (figura 13).

Figura 13: Short



Fonte: Autoria Própria

Como custo, ela informou não ter como dizer um valor, pois esse short possui oito cores diferentes e para cada cor é usado um novelo, no entanto, esse short não utilizou os novelos por completo. Quando foi informado que ela não precisava ser precisa, que poderia falar qualquer valor que ela acreditasse ter sido gasto na peça, ela fez um pequeno cálculo de cabeça e chegou ao valor de insumos de dezoito reais (R\$18,00) em fios.

Como não foi considerado por ela o tempo (hora de trabalho), foi perguntado quanto tempo havia sido gasto na produção da peça, ela não soube

responder ao certo, mas acreditava ter gasto uma semana ou duas e logo em seguida falou sobre esse tempo ela ter feito somente por algumas horas por dia e explicou sobre seus outros afazeres, que se ela tivesse feito somente o short, teria sido mais rápido a produção. Foi perguntado também o valor que a peça estava à venda, como resposta foi dado o valor de quarenta reais (R\$40,00).

Considerando os dados fornecidos por ela na primeira etapa da pesquisa, ela produz diariamente, em tempo médio de horas por dia, que faz de renda de bilro é entre cinco horas e oito horas. A média entre uma e duas semanas são uma semana e meia. Uma semana tem sete dias, logo uma semana e meia tem dez dias; reduzindo o fim de semana (dois dias) como folga, ficam oito dias de trabalho. Vou considerar que todos os dias ela fez o mínimo de horas fazendo renda de bilro que ela declarou na pesquisa (cinco horas), então, acredita-se que ela levou quarenta horas para fazer este short.

Foram gastos oito cores de linha, ou seja, oito novelos de linhas diferentes. Considerando que ela usou a linha indicada por ela como o seu preferido, a linha Clara Ne 8/2. Para título de pesquisa, em busca rápida no google intitulada “novelo de fio clara n 8”, na aba shopping, foi localizado na loja tricolândia o fio com os seguintes dados técnicos: composição de 100% algodão mercerizado, com 1000m para agulha de crochê de 1,25mm. Esta linha é exatamente a usada pelas rendeiras.

No site: tricolândia, a linha está a treze reais e noventa e um centavos (R\$13,91), assim, os oito novelos saem por cento e onze reais e vinte oito centavos (R\$111,28). Considerando a soma da metragem e dados fornecidos pela bilreira, é possível fazer em média quatro shorts iguais (na entrevista ela informou que dava para fazer mais umas três ou quatro peças, mas não foi específica sobre as peças). Assim o custo com fio fica em torno de vinte e sete reais e oitenta e dois centavos (R\$27,82).

Afim de dá algum valor, para manutenção dos outros insumos (almofada, caixote, bilro, cartolina, espinhos, luz), irei considerar o valor mínimo de um real (R\$1,00). Para da um valor a sua hora de trabalho, vou considerar que ela trabalha 8 horas por dia, 5 dias por semanas e que ela deseja receber como salário por mês com a renda de bilro um salário mínimo (atualmente está de mil e duzentos e doze reais), sua hora ficaria de sete reais e cinquenta e sete centavos (R\$7,57), ou seja, o

custo em hora de trabalho no short seria de trezentos e três reais, dando um custo total de trezentos e trinta e um reais e oitenta e dois centavos (R\$331,82) ao short.

Com isso podemos justificar o motivo do descontentamento com a desvalorização do seu trabalho e o considerar como um agente desmotivador em suas produções.

5 ANÁLISES DE RESULTADOS

O artesanato é um tipo de produto executado com as próprias mãos do artesão, podendo ou não ter o auxílio de outras ferramentas, ele possui características de seu criador e tem caráter cultural, simbólico e social (MACHADO, 2019, p. 54). A renda de bilro é um produto artesanal caracterizado pelo trançado de linhas de algodão com o auxílio do bilro, almofada e espinho. Essas produções são herança cultural passada de geração em geração. Cultura é definido por Eagleton como:

Se cultura significa a procura activa de crescimento natural, a palavra sugere, então, uma dialéctica entre o artificial e o natural, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz. (EAGLETON, 2005, p. 12)

Ou seja, para a criação da renda de bilro mundauense, tanto a história do seu povo, como o lugar (país, região, estado, distrito, comunidade e seus lares) onde estão inseridos, vivências pessoais, conhecimentos adquiridos em suas vidas, são utilizados no processo criativo das rendeiras.

Como visto anteriormente, as rendeiras da região possuem o interesse em aprender novas técnicas para a melhoria de suas produções e profissionalização delas mesmas, pois desejam realizar a comercialização de suas produções. Para isso se faz necessário que estas sejam qualificadas, deixando assim de ser mão de obra desqualificada, sem conhecimento técnico ou conhecimento científico de outras áreas.

Na pesquisa em campo, elas informaram não haver ninguém com formação técnica em design de moda, ou áreas afins de interesse do grupo, que ajudassem na produção ou comércio de suas produções, porém elas mesmas desejam aprender sobre essas áreas.

Também foi verificado na pesquisa que existe a desvalorização monetária do trabalho delas, em razão do seu público-alvo não estão dispostos a pagar o valor que elas propõem, fazendo assim, que seja necessário ser analisado o seu público-alvo para ser identificado qual o desejo deles e ser realizado uma atualização na imagem delas, assim reposicionando-as no mercado com uma imagem mais atrativa ao público-alvo correto.

Sendo assim, com tudo que foi apresentado, ao conhecermos a produção por trás do produto, podemos enxergar, alguns pontos fracos na sua produção e comercialização atual, como a falta de organização em grupo da comunidade; a aquisição dos insumos por valores de mercado, ou seja, sem descontos por comprar direto na fábrica ou por atacado; somente algumas rendeiras saberem fazer o pique; não possuírem conhecimentos administrativos e marketing; a comercialização de suas peças em geral serem restritas a turistas; a falta de parcerias, seja com profissionais da indústria da moda, marcas, universidades ou cursos de design aplicado para a moda.

Devido a isso, se faz necessário a adaptação na metodologia na produção e venda das peças, pois será uma forma de valorizar e tornar a renda uma parte significativa dos ganhos familiares, além de ser algo crucial para evidenciar e preservar a cultura e história local cearense sem perder a sua identidade. E talvez, gerar interesse em mais cearenses a produzirem a renda de bilro.

Em virtude da revolução industrial, o comércio e os meios de produção mudaram Henry Ford desenvolveu o meio de produção fordista, que, consiste na produção em série, onde os produtos são padronizados e existe uma linha de produção onde é dividido em pequenas etapas para cada uma serem realizadas por funcionários diferentes, assim, diminuindo os custos e o tempo de produção (NETO, 2019, p. 11).

Por estarmos em um período industrial, existem diversas marcas vendendo diversos tipos de peças com estilos diferentes por valores bem variados. Provavelmente, caso as rendeiras não estejam voltadas para o seu verdadeiro e correto público-alvo elas irão perder as vendas para concorrência.

Em função disso e o interesse delas em aprenderem mais sobre administração, marketing e estudo de modelagem, minha sugestão seria que elas e às instituições públicas da região, fizessem parcerias com escolas e universidades de design de moda, para levando para Mundaú acesso ao estudo de modelagem, marketing, gestão empresarial, criação de marca autoral.

Além disso, fazer parceria com órgãos como a EMCETUR (Centro de Turismo do Ceará), SEBRAE e CEART; fazer feiras em Fortaleza com as peças; abrir sua cooperativa; fazer parcerias com marcas, designers e universidades, e se introduzir nas redes sociais.

Como dito anteriormente, uma cooperativa é um grupo organizado de pessoas com um mesmo objetivo que trabalham em grupo para desenvolver um ofício (SEBRAE, 2021). Para as rendeiras de Mundaú uma cooperativa seria importante para auxiliar nas parcerias e melhorar o desenvolvimento da comunidade, assim todas crescendo em conjunto, porém é importante que elas não percam totalmente sua individualidade, trabalhando na cooperativa em grupo e em casa individualmente, com suas próprias produções e seus próprios trabalhos.

Para que elas consigam se manter em uma cooperativa é importante que elas se organizem, tendo na liderança alguém com conhecimentos de um designer de moda, da indústria e do artesanato. E o grupo tenha algum conhecimento administrativo e de trabalho em equipe, tendo suas funções pré-estabelecidas e acordo de quanto cada uma vai ganhar em suas funções, seja por valores fixos ou por porcentagem sobre o que foi produzido, evitando assim, no futuro, conflitos.

O ideal é que todas saibam fazer todas as etapas do processo de produção da renda de bilro, entretanto, dentro da cooperativa, cada uma tenha uma função específica em que ela é melhor, para diminuir o tempo de produção e, conseqüentemente, o custo. A divisão e organização de linhas de produção, não como forma de desumanizar o trabalho, mas como forma de agilizar seu processo e diminuir custos.

Também é necessário, que pela formação de cursos, elas entendam sobre o processo e como fazer o seus orçamentos de forma justa tanto em grupo como individualmente, evitando assim que elas façam cálculos de cabeça, sem contar todos os custos, e desvalorizem monetariamente os seus próprios trabalhos e que as auxiliem nas negociações com os clientes, dando uma base e um motivo para o valor das peças serem este.

É evidente que, caso elas façam o cálculo corretamente dos seus insumos, o valor das peças será mais alto, pois agora elas irão contabilizar todos os custos da produção, então, é bom elas possuírem um conhecimento de marketing e propaganda, ou receber consultorias de órgãos como o SEBRAE ou CEART, para assim, promover a venda de suas peças pelas redes sociais e façam parcerias com marcas com viés sustentável para que suas peças sejam vendidas nessas lojas a preços justos.

Dessa maneira, a suas produções serão mais sustentáveis economicamente e serão adequadas ao mercado atual sem perder a identidade delas, além de melhorar a vendas e lucratividade do comércio das peças produzidas por elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi motivado pela minha curiosidade sobre a renda de bilro produzida em Mundaú e como era realmente a aplicação dela na moda para essa comunidade, também, como uma forma de escrever sobre uma comunidade e relembrar as raízes culturais cearenses, além da importância cultural da renda de bilro para a preservação da cultura de comunidades costeiras.

Dessa forma, o projeto bilreiras de Mundaú e a moda artesanal local pela vertente sociocultural tentou conhecer e apresentar a comunidade acadêmica as rendeiras de Mundaú por meio deste.

A renda de bilro está no Brasil há séculos, acredita-se ter chegado juntamente com as esposas dos pescadores portugueses que vieram para o Brasil colonial e foi preservado em algumas comunidades do litoral brasileiro, tendo sofrido influências e mudanças em cada uma dessas comunidades de acordo com o que estava disponível nesses ambientes e a cultura local destes.

A escolha da comunidade foi feita por proximidade, pois Mundaú fica a 3 horas de Fortaleza de ônibus, e devido eu já conhecer um pouco a cidade. O projeto se iniciou no final de 2019, em uma simples viagem a Mundaú, nela fui apresentada pela primeira vez a renda de bilro, devido ter me hospedado com uma família de pescadores e bilreiras e a minha curiosidade tive o prazer de ter muitas conversas sobre o artesanato; sobre como eram feitos; quais os materiais; para quem aquela família produzia; para quem vendiam; pude ver os piques que elas guardavam debaixo do colchão com muito cuidado e ver as peças que elas fizeram. Entretanto, no final daquela semana, voltei para Fortaleza e só voltei a ter contato com a renda 2 anos depois, quando iniciei este projeto de pesquisa. Foi neste período que descobri finalmente o nome do artesanato que tanto vi em Mundaú, e ele se chamava renda de bilro.

No final de 2021, o projeto iniciou-se na estruturação e pesquisas bibliográficas, culturais, históricas e geográficas. Em 2022, as pesquisas foram organizadas em dez capítulos e reestruturadas, tendo uma ampliação na pesquisa bibliográfica. Em abril consegui viajar para Mundaú com o objetivo de realizar a pesquisa, nos meses seguintes foram realizadas novas pesquisas bibliográficas, organização dos dados recolhidos na viagem em campo e organização e

reestruturação do projeto, sendo readequado de acordo com os dados recolhidos, passando ao que é hoje, um projeto de cinco capítulos.

Ou seja, esse projeto fez um registro sobre o modo de vida da comunidade de Mundaú e o trabalho das mulheres que produzem a renda de Bilro. Por ele, foi apresentado a história e a geografia (o meio) onde às produtoras deste ofício estão inseridas; foi apresentado dados básicos da comunidade, como nível de escolaridade da população, renda mensal, hábitos da comunidade, suas produções, vendas e quanto elas ganham com essas vendas; também foi apresentado dados básicos da amostra das rendeiras de mundaú, como escolaridade, idade, situação conjugal, quantos filhos cada uma possui, suas tarefas diárias. Logo o projeto trouxe os dados que se propôs a trazer.

No início do projeto, acreditava-se que elas '*apuravam*' mensalmente um valor que pudesse servir como renda complementar, entretanto na pesquisa descobrimos que elas mal ganham o que gastam para produzir as peças.

Outra crença que se tinha no início do projeto é que elas possuíam baixo a nenhum nível de escolaridade e não possuíam muita proximidade com a tecnologia e essa hipótese inicial não estava de todo errada, entretanto, foi notado que o nível de escolaridade delas, principalmente às mais velhas, é realmente baixa, mas assim como às dificuldades que elas possuem com a tecnologia se detém mais das características da época na qual elas nasceram e não devido a viverem fora da capital ou devido ao ofício, pois foi notado que às mais novas possuíam nível escolares maiores que às mais velhas.

Infelizmente a hipótese de que elas não sabiam precificar os seus trabalhos estava correta. A hipótese de que elas vendiam peças para fora do município estava correta, entretanto, este comércio não representava um número significativo nas vendas. Entretanto a hipótese que a renda de bilro tinha uma relação próxima a elas e afetiva, felizmente também se mostrou correta.

Para comprovação e análise das hipóteses e objetivos do projeto, a pesquisa contou com a pesquisa exploratória, baseada em pesquisas em livros, textos, homepages, artigos científicos, trabalhos acadêmicos, estudo de campo, conversas com os moradores, snowball, e dedução, no qual os resultados da pesquisa foram transcritos neste projeto, com o auxílio de imagens; transcrições das falas. A pesquisa teve cunho etnográfico e não ficou presa aos questionários

(apêndice A), houve a aplicação dele, entretanto a pesquisa foi de cunho qualitativo aplicada de forma tanto estruturada, quanto semi-estruturada o que funcionou muito bem para elas darem respostas mais longas e coerentes.

Antes da viagem da pesquisa em campo, foi entrado em contato com o instagram de uma rendeira de mundaú e outras páginas de turismo e com o instagram da Mundaú ordinária, em busca de recomendações de rendeiras e contatos para ser realizada a pesquisa também online, entretanto, nenhuma rendeira respondeu às mensagens, deste modo, inviabilizando uma entrevista online.

Infelizmente, devido a pesquisa ter sido aplicada em formato de conversas longas e devido ao tempo da viagem e ao clima no momento da viagem, a pesquisa precisou ser aplicada a apenas dez rendeiras. Em razão das chuvas, às rendeiras estavam dentro de casa, o que dificultou a busca por mais rendeiras, tendo se restringido somente as indicações das rendeiras e das poucas lojas abertas naquele fim de semana, o que impossibilitou ser investigado sobre a renovação das rendeiras em cada geração.

Outros problemas foi que devido às conversas longas e próximas, a barreira pesquisador e objeto da pesquisa por vezes foi quebrada, sendo explicado técnicas de modelagens, erros técnicos nas peças produzidas e onde encontrar aulas e livros de modelagem, administração e de finanças.

Também, devido ao tempo e questões financeiras, às pesquisas não puderam se aprofundar tanto, pois não havia tanto tempo o suficiente para haver uma vivência maior na comunidade e em períodos diferentes do ano, pois de acordo com cada época do ano, acredito que alguns dados seriam diferentes, até mesmo para se observar se houveram mudanças na produção, organização e venda delas com a presença de pesquisadores no local.

Ainda existem muitas dúvidas e coisas que eu desejo fazer na comunidade, como levar a comunidade conhecimentos técnicos a elas com parcerias de escolas de moda e administração. Desejo saber também se a presença de pessoas da academia mudariam de alguma forma seus hábitos e suas vidas e se elas conseguiriam se organizar tendo o auxílio da secretaria da cultura (SECULT) ou se elas iria conseguir, gostar de se adequar ao comércio atual ou elas iriam preferir o modo de produção atual delas?

REFERÊNCIAS

Amélia Augusto, **Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas**: mais do que uma questão de preferência, *Forum Sociológico* [Online], 24 | 2014, posto online no dia 01 novembro 2014, consultado o 18 novembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/1073>; DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologico.1073>.

Anais IX simpósio brasileiro de sensoriamento remoto, 1998, SANTOS. **Análise ambiental da bacia do rio Mundaú para fins de recuperação de áreas degradadas**. INPE: [s. n.], 1998. Disponível em: http://martes.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/deise/1999/02.09.10.39/doc/4_11p.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

ÁREA de Proteção Ambiental do Estuário do Rio Mundaú. SEMACE, 8 dez. 2010. Disponível em: <https://www.semace.ce.gov.br/2010/12/08/area-de-protecao-ambiental-do-estuario-d-o-rio-mundau/#:~:text=Quanto%20a%20outros%20tipos%20de,crust%C3%A1ceos%2C%20moluscos%20e%20aves>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO das Rendeiras dos Morros da Mariana. Artesol artesanato solidário, 2000. Disponível em: <https://artesosol.org.br/rendeirasmariana>. Acesso em: 18 maio 2022.

BARRETO, Roberto. **Criatividade em propaganda**. 12. ed. São Paulo: Summus editorial, 2004. 281 p.

BARROSO, Oswald. **Mãos Preciosas**: O Artesanato do Ceará. 1. ed. [S. l.]: Luste Editores, 2008.

BASTOS, Maria. **A história da minha terra**: como nasceu Trairi. 1. ed. Ceará: LCR, 2010.

BENITES, Tatiana Pacheco. **Orquestras Sensoriais**: Processos de comunicação no varejo de moda íntima. Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

BEZERRA, Juliana. **Capitanias Hereditárias**. [S. l.]: Toda matéria, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/capitanias-hereditarias/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CARDOSO, Flávio. **Traduzindo a tradição**: a construção do significado do artesanato no Ceará contemporâneo. Orientador: Dr. Alexandre Almeida Barbalho. 2010. 130 p. Dissertação (Mestrado) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza, 2010.

CASTILHO, Maria Augusta; DORSA, Arlinda Cantero; SANTOS, Maria Christina Lima Félix Santos; OLIVEIRA, Monizzi Mábile Garcia. **Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local**. Artigo. 2017.

CEARÁ em Números. *In:* Ceará em Números. Ceará governo do estado, 13 mar. 2010. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2010/03/13/ceara-em-numeros/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CIDREIRA, Renata. **A moda como expressão cultural e pessoal.** 2003. Dissertação (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2003.

CLIMA: Ceará. *In:* Clima: Ceará. CLIMATE-DATA.ORG, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/ceara-212/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CLIMA e condições meteorológicas médias em Trairi no ano todo. Weather spark. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/31037/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Trairi-Brasil-durante-o-ano#:~:text=Em%20Trairi%2C%20o%20ver%C3%A3o%20%C3%A9,superior%20a%2032%20%C2%B0C>. Acesso em: 28 fev. 2022.

COOPERATIVA: o que é, para que serve, como funciona. SEBRAE, 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/cooperativa-o-que-e-para-que-serv-e-como-funciona,7e519bda15617410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 18 maio 2022.

CORAL, Carolina; MANHÃES, Ricardo. **Trairi: a Vida e o Saber do Povo.** Ceará, 2014. 327 p.

COSTA, Marta. **A importância do Design de Moda na Preservação da Cultura e Tradição.** 2015. 104 p. Dissertação (Mestrado) - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, Covilhã, 2015.

COSTA, LEILA. **O artesanato como forma de manifestação cultural e complementação de renda:** um estudo de caso da Associação Comunitária do Bairro do Lambari. Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira. 2012. 34 f. Trabalho de conclusão do curso (pós-graduação) - CELACC ECA-USP, SAO PAULO, 2012.

CUNHA, George. **O algodão na economia da província do ceará durante o século XIX:** algumas considerações sobre a sua importância. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, v. 3, ed. 47, p. 211-240, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/josec/Downloads/6850-28070-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

EAGLENTON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: UNESP, 2005. 196 p. v. 1.

FIGUEREDO, Luciano. **História do Brasil para ocupados:** os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e personagens fascinantes que fizeram o nosso país. 2. ed. São Paulo: Leya, 2013. 503 p.

GEERTZ, Clifford. **O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem.** *In:* _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, c1989. cap. 2, p. 25 - 39.

GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

GOMES, Nathalia. **A renda de bilro e a moda: um resgate da produção artesanal e cultural**. Orientador: PEREIRA, Camila; CALZA, Márlon; FRATTON, Renata. 2011. 134 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Laureate International Universities, Porto Alegre, 2011. Disponível em: um.pro.br/prod/_pdf/000125.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

GOVERNO do Ceará seleciona mais 750 artesãos para comercializar nos espaços da Ceart in. GOVERNO DO ESTADO (Ceará). Governo do Ceará seleciona mais 750 artesãos para comercializar nos espaços da Ceart. Ceará, 4 jun. 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/06/04/governo-do-ceara-seleciona-mais-750-artesaos-para-comercializar-nos-espacos-da-ceart/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

JOVENS inseridos no artesanato são guardiões das tradições culturais In: dasartes. Jovens inseridos no artesanato são guardiões das tradições culturais. [S. l.], 19 mar. 2021. Disponível em: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/jovens-inseridos-no-artesanato-sao-guardioes-da-s-tradicoes-culturais/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

LAVIER, JAMES. **A Roupas e a Moda, uma história concisa**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

LINHA clara brilhante 1000 metros. Google. 2022. Disponível em https://www.google.com/shopping/product/15723906862949141038?q=novelo+de+fio+clara+n+8&prds=epd:2032595909912632470,eto:2032595909912632470_0,pid:8642492273132910580&sa=X&ved=0ahUKEwjJquq0vqn4AhVuupUCHd0GDdkQ9pwGCAU. Acesso em: 28 abr. 2022.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda**. Brasília: Ministério da Cultura, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.

MARTINS, Heloisa. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. 2004. Artigo (Graduação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação**. Eduser - Revista de Educação, [S.l.], v. 2, n. 2, dec. 2016. ISSN 1645-4774. Disponível em: <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24>>. Acesso em: 03 nov. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.34620/eduser.v2i2.24>.

MORI, Arianne. **Moda e artesanato como agentes de intervenção e valorização do trabalho feminino**. Orientador: Daiane Toledo. 2017. 48 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda) - Instituto Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018. Disponível em:

https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/2215/TCC%20Final_Ariane%20Regina%20da%20Silva%20Mori.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 22 dez. 2021.

NETO, João. **Índios e terras** - Ceará: 1850-1880. Orientador: BARROS, Ana. 2006. 242 f. Tese (Pós-graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em:

<http://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/06/%C3%8Dndios-e-Terras-Cear%C3%A1-1850-1880.-LEITE-NETO-Jo%C3%A3o..pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

NETO, Ulysses. **Inovação tecnológica: heranças da revolução industrial e suas influências na sociedade pós-industrial**. Orientador: Professor Rogério Ferreira Emygdio. 2019. 33 f. Monografia (Graduação) - Universidade Candido Mendes – Niterói, Rio de Janeiro, 2019.

NIMER, Edmon. **Climatologia do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de recursos naturais e estudos ambientais, 1989. 427 p. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81099.pdf>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

NOGUEIRA, João. **Canhão do século XVII encontrado em conjunto histórico ao lado da Estação João Felipe**. [S. l.]: Focus, 8 set. 2021. Disponível em:

<https://www.focus.jor.br/canhao-do-seculo-xvii-encontrado-em-conjunto-historico-aolado-da-estacao-joao-felipe/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

OLIVEIRA, Célia; COSTA, Elizadora; ARAUJO, Emanuela. **Moda artesanal: a utilização do artesanato na moda do Ceará**. 2013. 35 p. Artigo (Graduação) - Centro de ensino superior do Ceará, faculdade cearense, Fortaleza, 2013.

PINTO, Débora; BARBOSA, Rita; MOTA, Maria. **Enxoval de casamento: Cultura e mercado na (re) significação de uma tradição** 2008. 12 f. Artigo (Graduação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em:

http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_20.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

POLLINI, Denise. **Breve História da Moda**. 01. ed. São Paulo: Claridade, 2007. 96 p.

PORTO MACHADO, J. **O conceito de artesanato: Uma produção manual**. Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 2, n. 2, 21 set. 2019.

PRAIAS do Litoral Oeste do Ceará Costa do Sol Poente. *In*: Praias do Litoral Oeste do Ceará e Costa do Sol Poente. [S. l.]: Fortaleza beaches. Disponível em: <http://www.fortalezabeaches.com/litoral-oeste-do-ceara.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

RAFAELLI, Gentil; BEZERRA, Isabela; SALDANHA, Maria. **Repercussões da organização do trabalho artesanal cooperativo: caso do núcleo de produção artesanal da vila de Ponta Negra em Natal/RN**. 2008. 13 f. Artigo - XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, Rio de Janeiro, 2008.

RAMOS, Silvana. Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como Atrativo de um Turismo Cultural. **Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como Atrativo de um Turismo Cultural**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 1, ed. 1, p. 44-59, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547092005.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2022.

REESTRUTURAÇÃO e atualização do mapeamento do projeto Zoneamento Ecológico - Econômico do Ceará – zona costeira e unidades de conservação costeiras - Relatório final de caracterização ambiental e dos mapeamentos / Superintendência Estadual do Meio Ambiente; GEOAMBIENTE – Fortaleza: SEMACE, 2016. Disponível em: <https://www.semace.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/46/2016/12/RELAT%C3%93RIO-CARACTERIZA%C3%87%C3%83O-AMBIENTAL-E-DOS-MAPEAMENTOS.pdf> acessado em: 11 de abril de 2022.

ROCHA, Thaís; JUNIOR, Francisco; SILVEIRA, Cleiton; MARTINS, Eduardo; GONÇALVES, Suellen; SILVA, Emerson; ALVES, José; SAKAMOTO, Meiry. **Indicadores de Veranicos e de Distribuição de Chuva no Ceará e os Impactos na Agricultura de Sequeiro**. Indicadores de Veranicos e de Distribuição de Chuva no Ceará e os Impactos na Agricultura de Sequeiro, Rev. bras. meteorol. vol.36, no.3, supl.0, São Paulo, July/Sept. 2021, p. 580-589, Epub 16 de agosto de 2021. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-77862021000400579&script=sci_arttext#B9. Acesso em: 10 abr. 2022.

RODRIGUES, William. **Metodologia Científica**. 2007. 40 f. Aula (Professor) - FAETEC/IST, Paracambi, 2007. Disponível em: http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

ROMEIROS: NA TRILHA DA FÉ EM PADRE CÍCERO. [S. I.]: Cepe, 1 mar. 2012. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/135/romeiros--na-trilha-da-fe-em-padre-cicero>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Sara Andrade dos. **Diagnóstico socioeconômico dos pescadores artesanais de lagosta em Fortaleza**, Ce. 76 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Pesca) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, Flavia. **Trabalho artesanal e suas inter-relações com o universo doméstico: estudos de caso em Viçosa**. Orientador: Amelia Bifano. 2014. 112 f. Dissertação (Pós-graduação) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2014.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória e dor**. São Paulo: Autêntica, 2004.

TRAIRI. CPSMIT. Disponível em:

<http://www.cpsmitapipoca.ce.gov.br/paginas/trairi#:~:text=Segundo%20a%20historia dora%20Maria%20Pia,que%20se%20estabeleceram%2C%20constituindo%20fam% C3%ADias>. Acesso em: 12 abr. 2022.

TRAIRI. IBGE, 2015. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/trairi/historico>. Acesso em: 28 abr. 2022.

TONIETTO, Lucy. **O processo de individuação no trabalho: Um Diálogo entre Karl Marx e Carl Gustav Jung**. Orientador: Prof. Dr Francisco Antonio Pereira Fialho. 2000. 178 f. Dissertação (Mestre em Engenharia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79251/172768.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jul. 2022.

VARGAS, Daiane; FIALHO, Marco. **Artesanato, Identidade Cultural e Mercado Simbólico: Dinâmica da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS**. 2019. 17 f. Pesquisa (Doutora em Extensão Rura) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/752/75261084012/75261084012.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VILAR, Pierre. A transição do feudalismo ao capitalismo. In: **Do feudalismo ao capitalismo: uma discussão histórica**. Theo Santiago (org.). Tradução de Theo Santiago. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1988, p. 40.

ZALUAR, Amélia; PIMENTEL, Célia. **As guardiãs da renda: Rendeiras de Bilro no Estado do Rio de Janeiro**. 2004. 48 f. Projeto de Digitalização do Acervo - INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore desenvolvido pelo Departamento de Apoio a Projetos de Preservação Cultural, Divisão de Folclore, 1978. Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/application/assets/img/site/RendeirasdeBilro.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**ENTREVISTA DOCUMENTAL E ORAL****A - PERFIL DO ENTREVISTADO**

entrevistado: _____

1. Faixa Etária:

- Até 19 anos 25 – 29 anos 40 – 49 anos 60 – 69 anos
 20 – 24 anos 30 – 39 anos 50 – 59 anos Acima de 70 anos

2. Sexo:

- Feminino Masculino
 Outros _____

3. Nível de escolaridade:

- Fundamental Completo Fundamental Incompleto
 Ensino Médio Técnico
 Sem escolaridade Outros _____

4. qual seu estado civil?

- Solteira Casada
 Viúva Divorciado
 Outros _____

5. Você possui filhos?

- Não possui 1 filho
 2 filhos 3 filhos
 5 filhos Outros _____

6. Trabalho:

- Dona de casa Picador/preparador do cartão
 Rendeira Vendedora das peças
 Outros _____

7. Você faz outros tipos de artesanatos? se sim, quais?
_____**8. Você vende outros tipos de artesanato?**

- Sim Não
 Outros _____

9. Com quem aprendeu a função:

- Em casa - mãe, irmã, avó... Curso na comunidade
 Vizinhaça Familiar
 Outros _____

10. Com que idade você começou o ofício?

- Menos de 5 anos Entre 5 e 9 anos Entre 15 e 19 anos
 Entre 1 e 4 anos Entre 10 e 14 anos Há mais de 20 anos

11. A renda de bilro é a única fonte de renda familiar?

- Sim Não
 Outros _____

12. Com a venda da renda de bilro, quanto você “apura” por mês?

- Meio salário mínimo (R\$ 606,00) 1 salário mínimo (R\$ 1.212,00)
 Mais de um salário mínimo. Quanto? _____
 Outros _____

13. Com que frequência produzem a renda?

- Diariamente Semanalmente
 Mensalmente Quando tem tempo ou vontade

3 ou mais X por semana 8 ou mais X por semana

Outros _____

14. Quanto tempo no dia você se dedica a produção da renda de bilro e em que horário?

Menos de 4 hora Entre 5 e 8 horas

Entre 9 e 12 horas Mais de 12 horas

Outros: _____

15. Relate um pouco da sua história de vida:



ENTREVISTA DOCUMENTAL E ORAL

B - PRODUÇÃO

entrevistado: _____

1. No coletivo, vocês possuem algum tipo de cooperativa familiar ou local, ou você faz todo o processo de produção sozinha? Se sim, poderia nos explicar como funciona?

2. Se existir uma divisão de funções, como se deu a escolha da sua função na produção da renda?

3. Como funciona o processo criativo dos padrões da renda?

4. Tem alguma técnica que você gosta muito e sempre usa?

5. Se sim, como foi o processo de aprendizado e ou desenvolvimento dela?

6. Qual é o material utilizado para a produção da renda?

7. Como é feita a escolha dos materiais?

8. Onde e como é adquirido estes materiais?

9. Quais são os principais produtos que você faz com a renda de bilro? (ex. saída de banho, vestido, saia, blusa, biquini, toalha de mesa, jogo americano, toalha de bandeja...)

10. Quanto você acredita que seja a sua hora de trabalho?

11. Qual a média de custo para a produção do metro da renda?

12. Qual a média de custo para a produção do metro da renda?

13. Qual a média de tempo gasto em uma produção de peça de renda pequena?

14. Qual o valor médio de venda de um produto pequeno de renda e como faz para o precificar?

15. Onde e para quem costumam vender às suas rendas?

16. Possui um revendedor com o qual tem algum tipo de acordo ou fazem venda frequente? Se sim, quem?

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA FINS ACADÊMICOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA FINS ACADÊMICOS

Eu, _____, de nacionalidade brasileira, estado civil _____, portador da célula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF nº _____, residente do endereço _____, nº _____, _____, /CE. Autorizo a utilização do uso da minha imagem em materiais de fins acadêmicos, como livros, slides, artigos científicos, mídias digitais, entre outros, sobre a renda de bilro em Mundaú para Maria Eduarda Vasconcelos da Cunha e para a Universidade Federal do Ceará.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e internacional em materiais de fins acadêmicos, como livros, slides, artigos científicos e mídias digitais.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, _____, _____, 2022

(assinatura)

Nome: _____